



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAROLINE DA SILVA MARINHO

ESTUDOS SOBRE MULHER E GÊNERO A PARTIR DAS TESES E
DISSERTAÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO DO BRASIL

JOÃO PESSOA
2024

CAROLINE DA SILVA MARINHO

ESTUDOS SOBRE MULHER E GÊNERO A PARTIR DAS TESES E
DISSERTAÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade

Linha de Pesquisa: Memória, Mediação e Apropriação da informação.

Orientadora: Prof. Dra. Izabel França de Lima

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M338e Marinho, Caroline da Silva.

Estudos sobre mulher e gênero a partir das teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil / Caroline da Silva Marinho. - João Pessoa, 2024.

100 f. : il.

Orientação: Izabel França de Lima.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/PPGCI.

1. Ciência da informação e estudos de gênero. 2. Produção científica sobre mulheres. 3. Estudos de gênero. 4. Estudo sobre mulheres. 5. Catálogo de teses e dissertações da Capes. I. Lima, Izabel França de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 001.102+305(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Defesa nº 318

Ata da Sessão Pública de Defesa de Dissertação da Mestranda **CAROLINE DA SILVA MARINHO** como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação, Área de Concentração em Informação, Conhecimento e Sociedade e com Linha de Pesquisa em Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Ao vigésimo quinto dia do mês de setembro de dois mil e vinte e quatro (25/09/2024), às quinze horas, reuniu-se, no Miniauditório 1 do bloco da pós-graduação do CCSA/UFPB, a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar a candidata ao Grau de Mestra em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, a mestranda **CAROLINE DA SILVA MARINHO**. A banca examinadora foi composta pelas professoras: Dra. Izabel França de Lima – PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora), Dra. Edna Gomes Pinheiro – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dra. Eliane Bezerra Paiva – UFPB (Examinadora Externa), Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves – PPGCI/UFPB (Suplente Interna) e Dra. Leyde Klébia Rodrigues da Silva – PPGB/UFCA-UFBA (Suplente externa). Dando início aos trabalhos, a Professora Dra. Izabel França de Lima, presidenta da banca examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra à discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de dissertação intitulado: **Estudos sobre Mulher e Gênero a partir das teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil**. Após a apresentação, a mestranda foi arguida na forma regimental pelas examinadoras. Respondidas todas as arguições, a Professora Dra. Izabel França de Lima, Presidenta da Banca Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:


(X)Aprovado ()Indeterminado ()Reprovado.

Observações da Banca:


A banca enfatiza a relevância da temática Mulher e Gênero para a área Ciência da Informação e recomenda a publicação dos resultados da pesquisa em periódicos e eventos da área.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, a Professora Dra. Izabel França de Lima, Presidenta da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada digitalmente por mim e pelas participantes da banca


João Pessoa, 25 de setembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **IZABEL FRANÇA DE LIMA**
Data: 25/09/2024 18:29:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Izabel França de Lima
Presidente(a)/Orientador(a) – PPGCI/UFPB


Documento assinado digitalmente
 **EDNA GOMES PINHEIRO**
Data: 26/09/2024 09:13:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Edna Gomes Pinheiro
Examinador(a) Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **ELIANE BEZERRA PAIVA**
Data: 25/09/2024 20:36:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Eliane Bezerra Paiva
Examinador(a) Externo(a) – UFPB

Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves
Suplente Interno(a) – PPGCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **CAROLINE DA SILVA MARINHO**
Data: 26/09/2024 10:07:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra Leyde Klébia Rodrigues da Silva
Suplente Externo(a) – PPGC/UFCA-UFBA

Caroline da Silva Marinho
Mestrando (a)

A minha mãe, Maria de Lourdes, que me ensinou a nunca desistir.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar meu sincero agradecimento à minha orientadora, Profa. Dr.^a Izabel França de Lima, por ter aceitado me orientar em uma pesquisa já em andamento, assumindo o desafio de me guiar e auxiliar nas alterações e mudanças necessárias ao longo do caminho. Seu conhecimento e orientação foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Sou profundamente grata por ter estado ao meu lado nos momentos turbulentos, por acreditar em minha capacidade e pelo acolhimento afetuoso sempre que precisei ao longo dos anos de graduação, estágio e mestrado.

Gostaria também de agradecer à Profa. Dr.^a Edna Gomes Pinheiro e à Profa. Dr.^a Eliane Bezerra Paiva, que, com suas valiosas contribuições durante a banca de qualificação, enriqueceram o desenvolvimento deste trabalho. Suas observações e sugestões foram fundamentais para aprimorar a pesquisa. Em especial, agradeço à Profa. Dr.^a Eliane Bezerra Paiva, que, ao encerrar suas atividades como professora da UFPB, deixa um legado de conhecimento e dedicação. Desejo-lhe um excelente encerramento de ciclo, com a certeza de que sua contribuição para a academia permanecerá viva através dos inúmeros alunos e colegas que tiveram a honra de trabalhar ao seu lado.

À Anna Raquel de Lemos, carinhosamente chamada de Anninha, expresso meu reconhecimento e apreço. Em momentos de incerteza e solidão, sua presença foi essencial, oferecendo orientação, tranquilidade e um ombro amigo nas horas mais desafiadoras. Sua dedicação e competência demonstram uma vocação nata para a academia, e sua contribuição foi indispensável para que eu pudesse seguir adiante.

Ao meu namorado e amigo, Arthur Cahino, que esteve ao meu lado em todas as etapas da pós-graduação, expresso meu profundo reconhecimento. Sou imensamente grata por ter acreditado em mim, especialmente nos momentos em que eu mesma duvidava. Sua companhia nos finais de semana dedicados às leituras e à escrita foram fundamentais para a conclusão deste mestrado.

A Geisa Fabiane (Geisita), com quem sempre compartilhei uma parceria maravilhosa, tanto no trabalho quanto na vida acadêmica e pessoal, expresso minha profunda gratidão. Trabalhar e pesquisar ao seu lado foi uma experiência enriquecedora, marcada pelo seu apoio constante e espontâneo. Desde as missões

da editora até as colaborações em artigos acadêmicos, sou grata pelo acolhimento e pela amizade que construímos ao longo desses anos.

Ao grupo de amigos do mestrado, chamado carinhosamente de “Fifis” — Everton, Vanessa, Morgana, Tayná e Priscila — expressei meu sincero agradecimento. As conversas e risadas nas mesas de bar, acompanhadas de uma boa cerveja, tornaram o processo mais leve e suportável. Sou grata por todo o apoio e por terem transformado essa trajetória em uma experiência mais agradável e significativa. Embora não esteja oficialmente no grupo, Rayana também fez parte para mim, e agradeço por sua amizade e incentivo de sempre.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão individual a Everton, por ter sido um parceiro durante toda a pós-graduação. Compartilhamos momentos de choros, estresses e muitas trocas de experiências e discussões nos trabalhos das disciplinas. Sou grata por sua parceria e por tornar essa jornada mais agradável em muitos momentos.

Às meninas do quarto 301, Gih, Luciana, Anna e Cris, com quem construí uma linda e sólida amizade durante nossa viagem para o ENANCIB. Nossa conexão foi além dos muros da pós-graduação, e sou grata por todas as trocas que compartilhamos.

À minha amiga Izabele Araujo (Dory), que, mesmo em uma área distinta, entrou na pós-graduação na mesma época e esteve presente em todo o processo do mestrado. Juntas, compartilhamos os desafios e medos, surtando e, ao mesmo tempo, encontrando forças para nos acalmar e sorrir. Sou profundamente grata por todas as conversas e trocas que foram além da pós.

Aos meus amigos de fora da academia que tantas vezes precisei me privar de momentos juntos para me dedicar aos estudos e leituras, e em vez de críticas, recebi apoio. Em especial, a Karolayne Lira, que sempre esteve ao meu lado desde a graduação, mesmo não sendo da mesma área. Sua presença em cada etapa do meu percurso acadêmico, bem como sua confiança e incentivo em cada pequena conquista, foram inestimáveis. Sua amizade é de imenso valor, e sou profundamente grata por tudo.

Ao meu melhor amigo, Ártemas Xavier (Abuso), não há palavras suficientes para expressar minha gratidão por todo o apoio e incentivo que recebi ao longo deste processo. Sua presença constante tornou essa jornada um pouco mais tranquila,

especialmente nos meus momentos de desespero, quando sua habilidade em me acalmar foi essencial.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo amor e apoio incondicionais. Mesmo que, para alguns, a dimensão de uma pós-graduação fosse difícil de compreender, o carinho e a presença de vocês nunca me faltaram. À minha mãe, Maria de Lourdes, ao meu pai, Edmilson, e ao meu irmão, Alexandre, que, com seu apoio silencioso, mas constante, foram minha base ao longo dessa jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, expresse minha gratidão pelo apoio acadêmico e pela formação crítica oferecida que foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também à CAPES pela bolsa, que, por um ano, permitiu uma formação acadêmica diferenciada e de qualidade, possibilitando a dedicação necessária para a conclusão deste trabalho.

A todos aqueles que, de alguma forma, me ofereceram palavras de apoio e incentivo ao longo desta caminhada, meu sincero agradecimento. Embora seus nomes não estejam mencionados aqui, saibam que cada gesto de carinho teve um impacto significativo e será sempre lembrado com gratidão

Por fim, embora eu pudesse iniciar agradecendo a Deus, acredito que sua presença se manifesta através das pessoas que ele coloca em meu caminho. Minha trajetória no mestrado poderia ter sido solitária, mas não foi. Fui abençoada com a companhia de pessoas maravilhosas, que estiveram ao meu lado, segurando minha mão, me incentivando a continuar e me lembrando, a cada passo, que nunca estou sozinha.

*“Escolher escrever é rejeitar o silêncio.”
(Chimamanda Ngozi Adichie)*

RESUMO

A análise dos estudos sobre mulher e gênero, com base em teses e dissertações, constitui um recurso importante para avaliar a visibilidade dessas temáticas e compreender as dinâmicas da produção acadêmica, especialmente no contexto da pós-graduação, que frequentemente representa o início da trajetória dos pesquisadores. Nesse sentido, a problemática de pesquisa resume-se à seguinte questão: qual o panorama dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação, com base nas teses e dissertações disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes? Para responder a esse questionamento, a pesquisa tem como objetivo geral: analisar o panorama dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em ciência da informação, com base nas teses e dissertações disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. De acordo com os procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa com abordagem quantitativa, de caráter descritivo bibliográfico e documental. A coleta dos dados tem como foco o *corpus* formado pelas teses e dissertações dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil. Para o tratamento e análise dos resultados, foram aplicadas técnicas bibliométricas para uma análise quantitativa dos dados. As informações foram extraídas do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando os descritores “gênero” e “mulher”. Os resultados obtidos permitiram concluir que há uma predominância de mulheres pesquisadoras tratando a temática de mulher e gênero no campo da Ciência da Informação. Também foi possível verificar que a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Federal do Rio de Janeiro se destacam pelo elevado número de pesquisas realizadas a respeito das temáticas, principalmente por possuírem orientadoras engajadas no tema. A pesquisa também revelou uma evolução significativa nas teses e dissertações relacionadas aos estudos de mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação ao longo dos últimos anos. A partir de 2018, observou-se um crescimento contínuo nas produções acadêmicas, culminando em 14 trabalhos em 2023. Esse aumento reflete o crescente interesse e a valorização das temáticas entre os pesquisadores da área. Diante do exposto, foi possível concluir que a bibliometria foi importante para otimizar resultados por meio de uma metodologia bem clara e muito utilizada por pesquisadores para diversas finalidades. A pesquisa revelou que os estudos sobre mulher e gênero têm ganhado destaque no campo da Ciência da Informação, embora ainda haja necessidade de maior expansão, especialmente em universidades que ainda exploram pouco as temáticas. Isso indica um potencial significativo para investigações futuras. Apesar das contribuições relevantes desta pesquisa para o entendimento da temática na Ciência da Informação, o campo ainda apresenta lacunas que demandam ser investigadas. Assim, estudos futuros podem explorar áreas não abordadas nesta pesquisa, utilizando diferentes metodologias e bases de dados.

Palavras-chave: ciência da informação e estudos de gênero; produção científica sobre mulheres; estudos de gênero; estudos sobre mulheres; catálogo de teses e dissertações da Capes.

ABSTRACT

The analysis of studies on women and gender, based on theses and dissertations, constitutes an important tool for assessing the visibility of these themes and understanding the dynamics of academic production, especially in the context of postgraduate education, which often represents the beginning of researchers' careers. In this sense, the research problem can be summarized by the following question: what is the panorama of studies on women and gender in postgraduate programs in Information Science, based on the theses and dissertations available in the Capes Catalog of Theses and Dissertations? To answer this question, the general objective of the research is to analyze the panorama of studies on women and gender in postgraduate programs in Information Science, based on the theses and dissertations available in the Capes Catalog of Theses and Dissertations. According to the methodological procedures, this is a research study with a quanti-qualitative approach, with a descriptive bibliographic and documentary nature. Data collection focuses on the corpus formed by theses and dissertations from postgraduate programs in Information Science in Brazil. For data processing and analysis, bibliometric techniques were applied for a quantitative analysis of the data. The information was extracted from the Capes Catalog of Theses and Dissertations using the descriptors "gender" and "woman." The results allowed the conclusion that there is a predominance of women researchers addressing the theme of women and gender in the field of Information Science. It was also possible to verify that the Federal University of Paraíba and the Federal University of Rio de Janeiro stand out for the high number of studies on these themes, mainly due to the presence of advisors actively engaged in the topic. The research also revealed significant growth in theses and dissertations related to studies on women and gender in postgraduate programs in Information Science in recent years. Since 2018, there has been a continuous increase in academic productions, culminating in 14 studies in 2023. This growth reflects the increasing interest and recognition of these themes among researchers in the field. Given the above, it was concluded that bibliometrics was crucial for optimizing results through a clear methodology widely used by researchers for various purposes. The research revealed that studies on women and gender have gained prominence in the field of Information Science, although there is still a need for greater expansion, especially in universities that have yet to explore these themes extensively. This indicates a significant potential for future investigations. Despite the relevant contributions of this research to understanding the theme in Information Science, the field still presents gaps that require further investigation. Thus, future studies may explore areas not addressed in this research, using different methodologies and databases.

Keywords: information science and gender studies; academic production on women; gender studies; studies on women; catalog of theses and dissertations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Instituições que possuem PPGCIs por Região.....	59
Figura 2 - Tabulação dos dados encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	61
Figura 3 - Nuvem de palavra com as principais palavras-chave	73

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção de teses e dissertações verificadas na pesquisa bibliométrica realizada.....	62
Gráfico 2 - Distribuição de frequência das teses e dissertações sobre estudos de mulher e gênero	64
Gráfico 3 - Principais orientadores em estudos de mulher e gênero na pós-graduação em CI no Brasil.....	66
Gráfico 4 - Quantitativo de trabalhos por universidades	67
Gráfico 5 - Distribuição dos autores por sexo	70
Gráfico 6 - Distribuição dos orientadores por sexo	71

QUADROS

Quadro 1 - Filtros utilizados na formação do quantitativo de trabalhos avaliados na pesquisa	53
Quadro 2 - Lista dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação de cada Instituição	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação
ANPOCS	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais
ANPOL	Associação Nacional de Pesquisa em Letras
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
ENANCIB	Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LISA	Library and Information Science Abstracts
PPG	Programa de Pós-graduação
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	MULHER, GÊNERO E CIÊNCIA	21
2.1	A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ESTUDOS DE MULHER E GÊNERO.....	31
2.2	OS ESTUDOS SOBRE MULHER E GÊNERO NA CI.....	36
3	TESES E DISSERTAÇÕES.....	42
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	46
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	47
4.2	BIBLIOMETRIA.....	49
4.3	CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES COMO <i>LOCUS</i> DA PESQUISA.....	50
4.4	<i>CORPUS</i> DE PESQUISA: TESES E DISSERTAÇÕES DOS PPGCIs.....	52
5	ANÁLISE DOS DADOS	55
5.1	DISTRIBUIÇÃO DOS PPGCIS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO BRASIL	56
5.2	COLETA DE DADOS DA PESQUISA	60
5.3	GRAU DE TITULAÇÃO E FREQUÊNCIA DAS TESES E DISSERTAÇÕES	61
5.4	PRINCIPAIS ORIENTADORES E QUANTITATIVOS DE TRABALHOS POR UNIVERSIDADES.....	65
5.5	ANÁLISE DOS RESULTADOS DISTRIBUÍDOS POR SEXO.....	69
5.6	ASSUNTOS MAIS ABORDADOS EM MAIOR FREQUÊNCIA NAS PESQUISAS SOBRE MULHER E GÊNERO	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE – LISTA DE TRABALHOS FILTRADOS NA PESQUISA.....	92

1 INTRODUÇÃO

A ciência, enquanto um campo de poder, desenvolve mecanismos includentes e excludentes para aqueles que desejam ingressar na área. Esses mecanismos, os quais são sutis, determinaram por séculos a exclusão das mulheres na carreira científica. Por todo o mundo, as desigualdades de gênero estão presentes na história da academia, em que as mulheres são recorrentemente excluídas ou têm sua participação pouco valorizada.

Ao analisar a produção de conhecimento ao longo da história, é possível perceber que a ciência é eminentemente masculina. Muitas mulheres foram, e continuam sendo, inviabilizadas no campo científico. Apesar das significativas conquistas dos movimentos feministas para que as mulheres pudessem se inserir na carreira científica e nos tempos atuais do poder “fazer ciência”, a imagem de cientista ainda é associada aos homens (Hayashi *et al.*, 2007; De Luca *et al.*, 2011).

Embora ocupem vários setores e cargos na sociedade e possuem participação preponderante dentro do ambiente acadêmico, as mulheres enfrentam diversos obstáculos nos espaços em que se encontram inseridas, permanecendo os padrões machistas que as inferiorizam e limitam seus espaços éticos e sociais (Paraíso; Caldeira, 2018; Viana, 2021).

A participação das mulheres na ciência evoluiu significativamente ao longo dos séculos, mas essa trajetória foi marcada por desafios e dificuldades. No contexto global, a inclusão feminina nas ciências começou a ganhar força apenas a partir do Século XIX. Antes disso, as mulheres eram amplamente excluídas dos círculos acadêmicos e científicos, e sua educação era limitada ao lar e às artes domésticas.

No Brasil, a história de participação feminina na ciência se inicia com a criação das primeiras universidades brasileiras no início do Século XX. Porém, as pesquisadoras eram frequentemente direcionadas para áreas consideradas “adequadas” ao sexo feminino, como a educação e a enfermagem, enquanto campos como a física e a engenharia permaneciam predominantemente masculinos (Schiebinger, 2001). Estudos indicam que, embora as mulheres sejam cada vez mais presentes em programas de pós-graduação, a sua presença em posições de liderança acadêmica e científica ainda é limitada, refletindo padrões históricos de discriminação de gênero que ainda precisam ser superados para alcançar uma verdadeira equidade no campo científico (Colling, 2004; Silva, 2012).

Como dito anteriormente, a crescente participação das mulheres na ciência resultou em diversos estudos sobre a temática ao longo do tempo. Especialmente na última década, tem-se observado um crescimento nos estudos sobre mulher e gênero. Apesar de muitas questões já terem sido formuladas, debatidas e analisadas, ainda se trata de um tema atual, visto que esses estudos têm uma história relativamente recente no país e ainda persistem questionamentos a serem investigados (Rosa, 2018).

Os estudos sobre a mulher na ciência podem ser considerados como uma vertente dos estudos de gênero que procuram, por meio de sua análise das diferenças entre os sexos, dar visibilidade às desigualdades construídas socialmente entre a mulher e o homem no ambiente científico. Assim, debater sobre os estudos de mulher e gênero tem sido fundamental para a interpretação das sociedades contemporâneas, assim como para a definição de estratégias de desenvolvimento no campo científico (Assumpção, 2014; Borges, 2014).

Analisar os estudos científicos de uma área do conhecimento é termômetro que pode indicar os avanços, as tendências e como o campo está sendo consolidado, assim como na identificação dos perfis dos pesquisadores e pesquisadoras que dão suas contribuições, sendo essenciais para o desenvolvimento do conhecimento científico e para a promoção do avanço da ciência (Ramalho; Paiva; Pinheiro, 2019).

Conforme Diniz e Foltran (2004), os estudos sobre mulher e gênero no Brasil estão historicamente presentes nas universidades por meio dos grupos de pesquisas, pelas produções científicas e na presença nos movimentos sociais. Com base em um resgate histórico, é possível saber que muitos avanços foram conquistados com o advento das lutas das mulheres no Brasil, por meio do diálogo entre academia e movimento social, existindo um crescimento significativo de professoras feministas no mundo acadêmico. Dessa forma, muitos grupos de pesquisadoras e pesquisadores foram criados em várias áreas do conhecimento dedicadas à organização e a elaboração das teorias e práticas feministas com enfoque nos direitos das mulheres (Scavone, 2008; Zirbel, 2007).

O avanço na discussão da temática relatada está diretamente ligada à abertura das universidades para pesquisadoras mulheres. Consideradas como locais de produção do saber, as instituições de ensino superior, principalmente as públicas, enquanto fontes produtoras e divulgadoras de conhecimento, atuam diretamente como agentes transformadores da sociedade abordando questões de interesse social

a fim de produzir conhecimento teórico que possibilitem o aprofundamento sobre temáticas sociais, como mulher e gênero fonte desta dissertação, assim tendo seus estudos compartilhados (Nogueira, 2006).

Isso quer dizer que as universidades têm um papel fundamental e até mesmo crucial para o desenvolvimento e visibilidade desses estudos. Conforme Weitzel (2006), as pesquisas científicas nas universidades são um recurso imprescindível para propiciar o desenvolvimento da ciência e uma importante fonte de informação são as teses e dissertações, elaboradas como trabalhos de conclusão nos cursos de pós-graduação (PPGs), em que abordam questões não resolvidas e/ou lacunas no conhecimento existente, contribuindo para a expansão do conhecimento científico em uma determinada área.

De acordo com Chizzotti (2006), as teses e dissertações constituem estudos científicos notáveis, distinguindo-se por seu esforço sistemático. Elas se pautam por critérios claros, explícitos e estruturados, incorporando teoria, método e linguagem apropriada para a explanação ou compreensão dos dados obtidos. Adicionalmente, essas produções acadêmicas têm a finalidade de orientar a natureza ou as atividades humanas, contribuindo assim para o avanço do conhecimento em suas respectivas áreas de estudo. Essa caracterização destaca a importância desses trabalhos como ferramentas fundamentais no desenvolvimento e disseminação do saber científico.

Baseado nesta reflexão, a análise de teses e dissertações desempenha um papel crucial na compreensão e avaliação da produção científica, representando contribuições valiosas para o conhecimento. Esses trabalhos permitem a identificação de padrões, temas emergentes e lacunas na literatura, além de avaliar a qualidade metodológica, rigor científico e inovações nas pesquisas. Isto é, orienta na formação de novos pesquisadores, impactando nas políticas e práticas profissionais e contribuindo para o acompanhamento das tendências de pesquisa e teóricas em uma determinada área.

As teses e dissertações, por serem importantes fontes de informação científica e tecnológica, são documentos acadêmicos escritos por estudantes de pós-graduação como requisito para obtenção do título em programas de pós-graduação de doutorado (teses) e mestrado (dissertações). Além disso, auxiliam no desenvolvimento de pesquisas voltadas para esta temática, em que podem gerar trabalhos consistentes, de confiança e qualificáveis, já que representam um extenso trabalho de pesquisa (Siciliano; Souza, F.; Souza, M., 2017).

Assim, analisar as teses e dissertações de uma área do conhecimento contribui para compreender como um tema específico está sendo abordado. Logo, estudar a produção científica sobre mulher e gênero por meio desses trabalhos auxilia na compreensão, desenvolvimento e avanço desse campo de pesquisa.

Conforme Souza (2021), teses e dissertações fornecem dados e informações valiosas que podem impulsionar o progresso científico. Estudos que utilizam esses trabalhos acadêmicos como objeto de análise são essenciais para contextualizar e exibir um panorama de um determinado campo científico. Ao examinar esses estudos, é possível realizar um mapeamento e análise temporal das tendências na pesquisa sobre a temática, revelando a evolução histórica e destacando temas emergentes e áreas específicas de destaque.

Ao analisar as teses e dissertações, destacam-se conflitos teóricos e metodológicos presentes nos estudos sobre mulher e gênero fundamentais para a ampliação do diálogo acadêmico, promovendo assim uma reflexão crítica sobre as abordagens adotadas, impulsionando o desenvolvimento da temática e ajudando a entender como esses estudos emergem no contexto da pós-graduação. Logo, foi possível identificar problemas e desigualdades na área, além de contribuir para o avanço do conhecimento e da equidade de gênero.

Dessa forma, a Ciência da Informação (CI), por desenvolver estudos sobre as propriedades da informação, assume um importante papel e deve oferecer espaços para o desenvolvimento de pesquisas com caráter sociais, para que pesquisadores (as) discutam sobre as relações da informação que permeiam as desigualdades de gênero, assumindo assim sua responsabilidade social (Santos; Targino; Freire, 2017).

Embora a Ciência da Informação já tenha mais de cinquenta anos de existência, as produções científicas relacionadas com os estudos de mulher e gênero ainda são recentes nesse campo. Apesar do crescimento da discussão da temática ao longo das décadas, ainda são tímidas as reflexões, e a informação é condição primordial para o empoderamento feminino (Nascimento; Oliveira, 2019; Leta, 2003).

Portanto, observou-se a importância de um estudo nas teses e dissertações dos programas de pós-graduação da Ciência da Informação, pois analisar as produções propiciam o conhecimento de como os estudos de mulher e gênero vem se desenvolvendo na Ciência da Informação.

O caráter interdisciplinar da Ciência da Informação e sua condição de ciência social aplicada lhe delegam uma grande responsabilidade em tratar as lacunas informacionais na sua perspectiva social. Para isso, a CI e o seu objeto informação devem ser analisados sob a ótica humana, pautada no seu paradigma social, uma vez que se preocupa com a natureza da informação, seu uso e, principalmente, com seus efeitos (Capurro, 2008; Le Coadic, 2004).

Assim, sob a perspectiva do paradigma social, esta dissertação está centrada em uma ótica humana em que serão consideradas as dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas que envolvem a produção, o acesso, o uso e a disseminação da informação dos estudos de mulher e gênero na Ciência da Informação, já que a informação é tratada considerando o contexto social. Dessa forma, o paradigma social abrange o ambiente em que o indivíduo está inserido e leva a CI para um enfoque mais interpretativo, centrado no significado da informação e nas relações entre os discursos (Tobias; Corrêa, 2019).

Portanto, pautar as relações de mulher e gênero no campo da CI contribui na geração de novas formas de compreensão e uso de conhecimentos, permitindo o entendimento de como as relações de poder afetam o acesso e uso da informação, além de possibilitar a compreensão das questões relacionadas à representação da diversidade de gênero na informação. Assim, ao promover estudos sobre mulher e gênero, a Ciência da Informação pode contribuir para uma mudança cultural no campo, estimulando a conscientização, a sensibilização e a adoção de práticas mais justas e equitativas.

Fundamentado nesses pressupostos, analisar os estudos sobre mulher e gênero, por meio da literatura produzida na área, com base em teses e dissertações disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), possibilitará mediar conteúdos informacionais, além de servir como fundamento para novas pesquisas que visem aprofundar a compreensão e o debate sobre as categorias de gênero na Ciência da Informação.

Entre as possíveis abordagens para avaliar a trajetória científica de uma instituição ou programa de pós-graduação está a bibliometria, que faz parte dos estudos métricos da informação. Esses estudos permitem criar indicadores que ajudam a identificar, por exemplo, os temas mais pesquisados, os autores mais influentes, além de responder a diversas questões relevantes para os programas. A

bibliometria, enquanto campo de estudo da Ciência da Informação, desempenha um papel significativo na análise da produção científica de um país, pois seus indicadores podem refletir o comportamento e o desenvolvimento de uma área do conhecimento (Araújo; Alvarenga, 2011).

A escolha do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES ocorre pela importância desse repositório como principal registro de socialização de trabalhos em nível de pós-graduação no Brasil, abrangendo pesquisas de mestrado e doutorado, além de disponibilizar também filtros de busca de trabalhos por ano, área de conhecimento, tipo de pesquisa, instituição dentre outros.

Portanto, pesquisas que empregam a bibliometria como método para análise da produção científica sobre determinado tema ou área do conhecimento e aquelas que utilizam teses e dissertações como *corpus* podem oferecer análises sob diferentes cenários e perspectivas.

Nesse sentido, para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionou-se como alvos de investigação as teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Essa escolha se fundamentou na consideração que tais produções acadêmicas detêm status relevante como fontes de informação científica e tecnológica, podendo fornecer subsídios significativos para pesquisas direcionadas às temáticas de mulher e gênero. Além disso, a análise desses trabalhos permite verificar o progresso, ou eventual estagnação, da referida temática no contexto dos programas de pós-graduação em CI.

Assim, fundamentado no princípio da importância das temáticas de mulher e gênero no âmbito da Ciência da Informação e das teses e dissertações como produção científica, a problemática de pesquisa é a seguinte: *qual o panorama dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação, com base nas teses e dissertações disponibilizadas no Catálogo de Tese e Dissertações da CAPES?*

Em busca de respostas para tal questionamento, a pesquisa tem como objetivo geral analisar o panorama dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação, com base nas teses e dissertações disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Com o propósito de alcançar tal finalidade, foram delineados três objetivos para prover os recursos necessários nas etapas intrínsecas:

a) Mapear as teses e dissertações sobre as temáticas de mulher e gênero da área de Ciência da Informação que constam no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES;

b) Avaliar a produção científica de teses e dissertações sobre as temáticas de mulher e gênero da área de Ciência da Informação com base na análise bibliométrica;

c) Traçar o panorama da produção científica de teses e dissertações sobre as temáticas de mulher e gênero da área de CI defendidas entre 2013 e 2023 que constam no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Para alcançar os objetivos delineados, é essencial justificar a relevância dessa pesquisa tanto no âmbito acadêmico quanto no social. A análise das teses e dissertações sobre mulher e gênero na Ciência da Informação não apenas atende a uma lacuna existente na literatura, mas também desempenha um papel crucial na ampliação das perspectivas dentro desse campo de estudo. Com a CI em constante evolução, é fundamental que novas pesquisas reflitam os interesses de uma sociedade diversificada.

Outros trabalhos localizados investigam teses e dissertações na área de Ciência da Informação com foco na temática de mulher e gênero, destacando-se a pesquisa de Ana Patrícia Silva Moura (2022), que analisou a mediação consciente da informação nas dissertações e teses sobre mulher, gênero e feminismo nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIs) no Brasil, utilizando os Repositórios Institucionais como campo de pesquisa. A pesquisa recuperou um total de 35 trabalhos (28 dissertações e 7 teses), com enfoque específico na mediação da informação sobre gênero, mulher e feminismo.

Em contrapartida, o presente estudo adota como *locus* de pesquisa o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que centraliza e regulamenta o depósito das produções acadêmicas brasileiras. Esse sistema assegura a inclusão obrigatória e sistemática das produções acadêmicas, oferecendo maior consistência e abrangência na coleta de dados. O uso do Catálogo de Teses e Dissertações CAPES neste estudo, portanto, possibilitou um mapeamento mais abrangente dos estudos sobre mulher e gênero em teses e dissertações no Brasil, recuperando um total de 70 estudos sobre mulher e gênero na Ciência da Informação, dos quais 48 são dissertações de mestrado e 22 teses de doutorado.

Assim, esta pesquisa contribui com o campo ao expandir o mapeamento e a análise das produções científicas sobre mulher e gênero, proporcionando um

panorama quantitativamente mais expressivo e diversificado sobre o tema nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

Abordar as questões de mulher e gênero na Ciência da Informação não é apenas uma questão de equidade; trata-se de uma oportunidade de enriquecer o campo com novas ideias, abordagens e inovações. A relevância acadêmica desta pesquisa está na necessidade de renovar o campo científico com novas perspectivas, que promovam pesquisas direcionadas à abordagem das desigualdades e à criação de espaços que possibilitem a construção de discursos voltados para interesses sociais, políticos e econômicos. Esse enfoque inclui os desafios enfrentados por mulheres na academia, no ambiente de trabalho e em outros contextos informacionais.

A CI está diretamente ligada ao seu paradigma social, que enfatiza a importância da informação nas relações sociais e seus efeitos. Dessa forma, a área, enquanto Ciência Social Aplicada, tem o compromisso de tratar as lacunas informacionais considerando as dimensões sociais, culturais e políticas da informação. Nesse sentido, a análise das produções acadêmicas sobre mulher e gênero é fundamental para compreender como a informação pode promover uma sociedade mais equitativa e refletir o papel transformador da área no enfrentamento das desigualdades.

Além disso, o impacto social dessa pesquisa é evidente, pois os estudos de mulher e gênero têm o poder de transformar normas e valores sociais, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa área de pesquisa possibilita uma análise crítica das estruturas sociais que mantêm a discriminação, violência e restrições fundamentadas no gênero. Ao explorar temas como igualdade, empoderamento e diversidade, os estudos de mulher e gênero desempenham um papel fundamental na promoção de uma sociedade mais inclusiva. Dessa forma, eles contribuem positivamente para a transformação das normas e valores sociais.

A motivação pessoal para o desenvolvimento desta pesquisa está profundamente enraizada na experiência da pesquisadora como mulher e em seu compromisso com a produção científica como uma forma de contribuição social. Esse compromisso despertou o desejo de promover mudanças na educação e nas formas de produção e análise do conhecimento, reconhecendo o impacto direto dessas transformações na vida de outras mulheres.

A curiosidade em compreender as complexidades relacionadas ao gênero, ancorada em suas próprias experiências e na percepção das desigualdades existentes, impulsiona a pesquisadora a se aprofundar na temática. Além disso, o desejo de promover o empoderamento pessoal e coletivo, aliado a um compromisso com a justiça social e a eliminação da discriminação de gênero, orienta e molda sua trajetória de pesquisa nessa área.

Para facilitar a compreensão, a dissertação foi organizada em seis partes. Na primeira, a introdução, foram apresentadas a contextualização da temática, a problemática da pesquisa, os objetivos e a justificativa da dissertação.

Na segunda e terceira seção, dedicadas ao referencial teórico, são explorados os temas: mulher, gênero e ciência; a produção científica dos estudos de mulher e gênero; os estudos sobre mulher e gênero na ciência da informação; e teses e dissertações. Cada um desses tópicos é abordado de forma a fornecer a base teórica necessária para contextualizar a pesquisa e aprofundar a compreensão das questões centrais tratadas na dissertação.

Na quarta seção, são discutidos os aspectos metodológicos da pesquisa, abrangendo a caracterização do trabalho, os critérios de seleção, o *locus* de realização, o *corpus* utilizado e o recorte temporal. Além disso, são descritas as abordagens empregadas para a coleta e análise dos dados. A estruturação e a representação dos resultados também são detalhadas, proporcionando uma visão clara do percurso investigativo seguido.

A quinta seção é dedicada à análise dos dados e resultados, em que são apresentados todos os achados da pesquisa. Além disso, essa seção inclui uma discussão aprofundada dos resultados à luz da literatura existente, proporcionando uma compreensão crítica e contextualizada dos temas abordados.

A sexta e última seção é destinada às considerações finais, em que a conclusão da dissertação é apresentada. Nessa seção, são feitos contrapontos entre os objetivos do trabalho e os resultados obtidos, além de serem oferecidas sugestões para futuras pesquisas na área.

2 MULHER, GÊNERO E CIÊNCIA

A utilização do conceito de gênero tem contribuído para melhor compreensão da opressão da mulher e do conjunto das relações sociais do qual ela emerge. Assim, para iniciar uma reflexão sobre a trajetória das mulheres e suas produções científicas, é importante, primeiramente, entender o conceito de gênero. A compreensão de gênero incorporada neste trabalho não se trata do ser genérico, mas do ser histórico, aquele produzido historicamente. São construções culturais resultantes das diferenças sexuais existentes entre homens e mulheres. Sustenta-se no significado semântico que é fruto das relações de poder e de dominação entre o gênero feminino e masculino, considerando que o primeiro sofreu forte repressão durante diferentes contextos e períodos históricos, tendo, inclusive, sua humanidade negada por vários séculos (Passos, 2019; Zolin; Zafalon, 2013).

Com frequência, o termo “gênero” é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico. Conforme Almeida (2011), gênero não significa o mesmo que sexo. Segundo o autor, sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa e gênero diz respeito à sua construção como sujeito masculino e feminino. Isto é, gênero está vinculado a construções sociais, não a características naturais. Enquanto as diferenças biológicas são naturais e imutáveis, o gênero é estabelecido por ajustes sociais, variando conforme as épocas e os padrões culturais podendo ser modificados.

O gênero, portanto, refere-se a tudo aquilo que foi definido ao longo do tempo e que a sociedade entende como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico. Refere-se às características socialmente construídas, papéis, comportamentos e expectativas associadas a homens e mulheres em uma determinada sociedade.

Bourdieu (1998) define como violência simbólica a pressão que a sociedade exerce sobre homens e mulheres, em que se determina o comportamento do outro de acordo com sua estrutura genética, biológica. “A violência simbólica é uma violência que exerce com a cumplicidade tácita daqueles que sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem enquanto uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer” (Bourdieu, 1998, p. 16). Ou seja, muitas vezes, essa dominação se dá de maneira inconsciente, tanto para aqueles que sofrem como para aqueles que exercem essa opressão, ao enxergarem como algo natural.

A opressão enfrentada pelas mulheres tem raízes históricas e culturais. Ao longo dos séculos, as sociedades patriarcais têm sido predominantemente estruturadas em torno de uma hierarquia de gênero, na qual os homens são considerados superiores e detêm poder e privilégios em relação às mulheres. Essa opressão se manifesta em várias formas, como discriminação salarial, restrições aos direitos reprodutivos, violência doméstica, assédio sexual, estereótipos de gênero e falta de representação em posições de liderança e poder.

Essa opressão de gênero pode ser atribuída a uma combinação de fatores, incluindo aspectos culturais, econômicos e políticos. Normas de gênero rígidas e estereótipos prejudiciais são perpetuados ao longo do tempo, levando a uma desigualdade estrutural entre homens e mulheres. Além disso, o acesso limitado a recursos e oportunidades, bem como a falta de representação em posições de poder, contribuem para a opressão das mulheres.

Assim, estudar as relações de gênero não se trata de negar as diferenças entre homens e mulheres, mas diz respeito a reconhecer que ser homem ou ser mulher não é simplesmente um feito natural, biológico, devido a inúmeros fatores de ordem econômica, social, política, étnica e cultural que influenciam sobre como o indivíduo pensa, comporta-se e atua (Sardenberg; Macedo, 2011).

Logo, estudar gênero significa estabelecer um recorte sobre aspectos da realidade social existente, no presente e no passado, que têm como peça fundamental a organização de papéis sociais baseada em uma imagem socialmente construída acerca do que foi consolidado como masculino ou feminino. As relações de gênero, como descrita por Scott (1995), são alicerçadas nas relações de poder entre os sexos. É um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre o masculino e o feminino. Ou seja, são relações sociais ancoradas em uma construção social pautada na desigualdade entre homens e mulheres que reforça o “lugar de inferioridade” das mulheres, tornando mais evidente as interfaces das desigualdades.

Observando a evolução social ao longo dos anos, é possível perceber como o conceito de gênero tem sido amplamente debatido pela teoria feminista desde os anos de 1970, visando desnaturalizar as diferenças e denunciar as desigualdades de sexo, pois essas desigualdades têm servido de pretexto para edificar e legitimar relações desiguais entre homens e mulheres, historicamente caracterizadas por uma situação de subordinação das mulheres. Ainda que a submissão feminina seja estudada e

discutida há poucos séculos, não é, em hipótese alguma, uma problemática nova. Ela acompanha a história e se encontra enraizada de forma intensificada na sociedade, tornando mais visíveis os traços de violência, opressão e exploração sofridos pelas mulheres (Silva; Souza; Moura; Barros, 2019).

A base da sociedade foi e é a supremacia masculina em detrimento da feminina. Desde suas origens, as relações sociais têm perpetuado a submissão da mulher, deslegitimando todos os dias o “ser mulher”. Há séculos que o modelo existente na sociedade é hierárquico, patriarcal, sexista, machista e misógino, pondo sempre em evidência o privilégio masculino. Segundo Nogueira (2006, p. 260):

[...] historicamente as mulheres sempre estiveram em situação de desigualdade. As relações sociais capitalistas legitimaram uma relação de subordinação das mulheres em relação aos homens, imprimindo uma conotação considerada “natural” à mulher, dada pela subordinação.

Logo, as representações das mulheres atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos. Enquanto os homens ganharam o espaço público e político, as mulheres, o lar. Aos homens, foi dado o poder; às mulheres, a subordinação. O ser mulher como dominada-explorada foi marcado como natural, inquestionável, já que foi dado pela natureza. Dessa forma, todos os espaços de aprendizado e os processos de socialização reforçaram os preconceitos e estereótipos dos gêneros influenciando diretamente na vida e história das mulheres (Saffioti, 1992; Colling, 2004).

A participação feminina na história variou significativamente ao longo dos anos e não foram poucas as dificuldades enfrentadas para conquistar o acesso à informação e seu lugar na história. Foi somente na década de 1830 que surgiram as primeiras instituições destinadas à educação das mulheres. No ensino primário, a educação dirigida às mulheres fortalecia os papéis morais e sociais, enquanto os homens eram preparados para o ensino superior, ou seja, a educação básica já direcionava os indivíduos à diferenciação dos papéis oferecidos aos homens e às mulheres. Enquanto os homens realizavam cursos profissionais, as mulheres se concentravam em cursos secundários de caráter prévio para uma futura especialização (Guedes, 2008).

Guedes (2008) menciona que os cursos prévios voltados para as mulheres aconteciam pelos espaços escolares por acreditarem que existiam “habilidades intrínsecas” aos gêneros. A ideia era de que as meninas teriam mais vocação às artes

e a literatura, enquanto os meninos maiores capacidade para as ciências. Acreditava-se que as mulheres tinham maior sensibilidade, cuidado e emoções, ao mesmo tempo em que os homens teriam maior racionalidade. Essa condição instaurada é um reflexo da sociedade patriarcal-capitalista, na qual os homens são considerados superiores e ocupam espaços que lhe dão condições de serem reconhecidos e perpetuar os privilégios da dominação masculina (Guedes, 2008; Martins; Barroso; Lima; Rodrigues, 2022).

Os primeiros registros de mulheres no mundo acadêmico datam apenas do Século XIX, quando foi permitido o acesso feminino ao ensino superior. Apesar dessa conquista, as mulheres ainda dependiam de permissões masculinas: as candidatas solteiras precisavam de autorização de seus pais, enquanto as casadas necessitavam do consentimento por escrito de seus maridos. Além disso, os cargos superiores na instrução pública, posições de comando, continuavam a ser predominantemente ocupados por homens, reforçando as desigualdades de gênero nas relações profissionais (Krause, C.; Krause, M., 2016; Priore, 2004).

Cabe ressaltar que, embora oficialmente aceitas na graduação, o número de mulheres inscritas à educação científica e às carreiras tradicionalmente ocupadas por homens foi irrisório por muito tempo. Foi um processo lento e de muita luta das mulheres, no qual houve interdições culturais, políticas e econômicas. As mulheres experimentaram novas dificuldades para se inserirem nessa instituição de caráter masculino, elitista e estratificado (Lino; Mayorga, 2016).

A entrada das mulheres na universidade aconteceu apenas em 1837 nos Estados Unidos. O *women's college* foi criado em Ohio e era exclusivo para mulheres. Desde a segunda metade do Século, as universidades femininas se espalharam por boa parte dos EUA, no qual o ensino universitário para as mulheres se manteve predominante por várias décadas. Nesta época, a maioria das *women's college* não oferecia cursos de pós-graduação, apenas bacharelado. Por serem pioneiros em aceitar mulheres no ensino superior, foi nos EUA que Elisabeth Blackwell recebeu o título de médica, sendo a primeira mulher a receber um diploma universitário. Entretanto, este modelo não ocorreu na Europa. A Universidade da Suíça só passou a admitir mulheres em 1860, a da França em 1880, a da Alemanha em 1900 e a da Inglaterra em 1870 (Bauer, 2001; Silva, 2012).

No contexto brasileiro, por um longo período, a educação feminina esteve restrita ao ensino elementar, uma vez que a educação superior era eminentemente

masculina. As mulheres foram excluídas das primeiras faculdades brasileiras, mesmo o ensino superior estando presente desde 1808. A inserção das mulheres no ensino superior no Brasil aconteceu apenas no final do Século XIX com a Reforma do Ensino Primário e Superior em todo o Império instituída pelo Decreto 7.247, de 19 de abril de 1879, em que ficou conhecida como Reforma Leôncio de Carvalho, que estabeleceu o direito e a liberdade da mulher para frequentar as faculdades e obter um título acadêmico (Martins; Barroso; Lima; Rodrigues, 2022).

A primeira mulher brasileira a se formar foi Augusta Generoso Estrela, em 1882, em medicina, mas nos Estados Unidos. No Brasil, apenas em 1887, Rita Lobato Velho Lopes se tornou a primeira mulher a possuir um diploma superior em solo brasileiro pela Faculdade de Medicina da Bahia e a segunda da América Latina (Martins; Barroso; Lima; Rodrigues, 2022; Lopes, 1998).

Vale ressaltar que Rita Lobato Velho Lopes não se inscreveu sozinha na academia, mas sim em conjunto com mais quatro mulheres, na época. Contudo, as demais não se formaram e acabaram por abandonar o curso, reflexo de como o ato de estudar ainda era visto como rebeldia e sobre uma péssima perspectiva para as mulheres. Rita também sofreu algumas dificuldades, tendo em vista que ela só podia assistir às aulas acompanhada pelo pai, sentando-se separadamente de seus colegas homens (Menezes; Santos; Freire, 2019).

As questões relacionadas ao gênero ainda influenciam muitas das relações sociais e tudo o que é produzido por delas, inclusive a atividade científica. Uma vez que a ciência foi instituída historicamente por homens e para eles, é necessário problematizar as diferenças entre os gêneros no meio acadêmico. Ainda que a desigualdade entre as mulheres e homens tenha se reduzido no mundo e na academia, a ciência tem a característica de produção cumulativa e, portanto, o histórico de menor inserção feminina continua influenciando o presente (Andersen, 2001; Shen *et al.*, 2018; Barros; Mourão, 2020).

Apenas na segunda metade do Século XX as mulheres começaram a ocupar significativamente essas posições. A presença delas cresceu expressivamente na educação e na ciência, principalmente nos países ocidentais, tanto como força de trabalho quanto na participação em todos os níveis de formação. Além disso, uma vez que a mulher se insere nesses espaços e não rompe com a lógica que a submete na esfera doméstica, ela é reprimida com a dupla jornada de trabalho. Segundo Nogueira (2006), mesmo com a acentuada inserção feminina no espaço produtivo industrial e

intelectual, as tarefas domésticas continuam majoritariamente atribuídas as mulheres, refletindo a persistência de uma divisão sexual desigual do trabalho que ainda prevalece nos dias de hoje.

É importante ressaltar que a inserção das mulheres no ensino superior e na atividade científica não se deu de forma democrática ou uniformemente democratizante, nem ocorreu de maneira linear em diferentes países e períodos históricos, tampouco foi homogênea para todas as mulheres. Mesmo com o aumento das matrículas femininas nas universidades, o ensino superior manteve sua natureza elitista, patriarcal e racista (Luciano, 2021).

Embora desde os primeiros séculos as mulheres tenham contribuído com a atividade científica, Leta (2003) menciona que tal atividade foi concebida historicamente como uma atividade masculina. Segundo a autora, durante os Séculos XV, XVI e XVII, “[...] algumas poucas mulheres aristocráticas exerciam importantes papéis de interlocutores e tutores de renomados filósofos naturais e dos primeiros experimentalistas” (Leta, 2003, p. 271). Porém, isso não significa que elas não tiveram ou não tinham competência para produzir conhecimento científico, mas está relacionado ao contexto histórico-cultural da época, em que não lhes era permitido o acesso às discussões e debates que aconteciam nas academias e na sociedade, visto que o conhecimento que as mulheres produziam não era considerado científico, pelo simples fato de ser “feminino” (Carvalho; Casagrande, 2011).

Conforme Schiebinger (2001), a cultura da ciência já foi mais aberta à presença das mulheres, tendo se fechado progressivamente. Ao longo da história, as instituições científicas encorajaram e desencorajaram a participação das mulheres na ciência. A medicina, por exemplo, sempre foi praticada por mulheres desde a antiguidade. Entretanto, desde o Século XIII, surgiram leis que as proibiram de praticá-la. As universidades, a exemplo, embora tenham sido criadas no Século XII, só passaram a admitir efetivamente as mulheres em seu quadro de discentes e docentes no final do Século XIX e início do Século XX. Antes desse período, foram excluídas apenas por pertencerem ao sexo feminino, pelo simples fato de serem “mulheres”. As características sexuais nesse período determinavam quem iria ou não fazer ciência (Schiebinger, 2001).

Mas isso não quer dizer que as mulheres não tiveram participação nas principais teorias científicas da atualidade. Mesmo que a Ciência tenha sido por muito tempo vista como uma atividade masculina, muitas mulheres fizeram história e

promoveram a propagação do conhecimento. Existem diversas descobertas feitas por mulheres que serviram de base para o desenvolvimento e continuidade de estudos em áreas como tecnologia, saúde e ciência. Contudo, grande parte delas foi invisibilizada ao decorrer da história.

A presença das mulheres na história foi marcada por “ausências” e presenças, pois, desde que a história como disciplina científica existe, o seu lugar dependeu das representações dos homens, pois, por muitos séculos, os únicos historiadores foram eles. A invisibilidade das mulheres é consequência de uma distorção histórica em que foi tirado o protagonismo feminino dos mais importantes fatos da humanidade, inclusive a produção do conhecimento científico. Poucos nomes femininos aparecem como representativos no desenvolvimento da ciência, pois ora as mulheres foram excluídas, ora negaram suas produções (Colling, 2004; Silva, 2012).

Desse modo, quando se fala na presença da mulher na história da ciência, é importante lembrar que a história das mulheres é construída em meio a relações de poder. A primeira reação ao relacionar o assunto mulheres e ciência é apontar a ausência das mulheres no desenvolvimento dessa atividade na história, uma vez que a ciência sempre foi vista como um campo masculino com pouca participação das mulheres (Silva, 2012; Menezes, 2002).

No contexto das organizações, a situação não é diferente. Historicamente, as mulheres sempre estiveram presentes nas empresas, mas em posições inferiores, com menor qualificação e sem acesso ao poder, uma vez que seus papéis como esposas e mães eram os únicos legitimados pela sociedade. Segundo Lino e Mayorga (2016), a ciência nunca foi “neutra” em relação ao gênero e outros marcadores sociais; é um campo de poder em que as mulheres sempre estiveram em desvantagem (García; Pérez Sedeño, 2002).

Contudo, apesar dos inúmeros mecanismos de privação das mulheres ao longo do tempo, seja pelos processos formais que impediam por leis e regulamentos o acesso das mulheres às universidades, pela naturalização da inferiorização das mulheres como justificativa para a suposta inaptidão para a produção do saber ou pelos discursos científicos que enalteciam as diferenças entre os sexos para determinar os lugares sociais que cada sujeito deveria ocupar conforme suas características biológicas, as mulheres, em maior ou menor representatividade, estiveram presentes e atuantes na História da Ciência (Silva, 2012).

Muitas mulheres produziram conhecimento em laboratórios dentro de seus lares e os resultados de seus estudos foram divulgados com nomes masculinos. Algumas utilizaram pseudônimos para se comunicarem e compartilhar conhecimentos com outros cientistas. Outras foram criticadas, discriminadas, humilhadas, perseguidas e muitas vezes mortas por infringirem as normas. O conhecimento das mulheres foi base para muitas pesquisas científicas por meio de apropriação. Conforme Carvalho e Casagrande (2011, p. 23), “[...] o conhecimento das parteiras foi apropriado pela obstetrícia, o conhecimento de ervas e chás medicinais, apropriado pela medicina científica, o conhecimento de tingimento de tecidos, apropriado pela química [...]”. Assim, a história do mundo da ciência se estruturou em bases quase exclusivamente masculinas, excluindo as mulheres dos relatos, descobertas e avanços históricos, sociais e tecnológicos da humanidade (Luciano, 2021; Silva, 2012; Schiebinger, 2001).

Durante séculos, a universidade foi um espaço exclusivamente masculino: “em nome da ciência moderna, disciplinas foram utilizadas para justificar a exclusão das mulheres desses espaços de poder, construção de saberes e inovações tecnológicas” (Almeida; Zanella, 2022, p. 17). Muitas mulheres cientistas foram subvalorizadas e tiveram seus trabalhos negligenciados, enquanto seus colegas masculinos recebiam reconhecimento e oportunidades (Perrot, 2005).

Os estudos sensíveis à exclusão das mulheres por historiadores da ciência propiciaram resultados impressionantes e descobertas de inúmeras mulheres importantes para o desenvolvimento desta atribuição. Por exemplo, nomes na antiguidade como o de Hipátia e Aglaonice, que foram considerados símbolos da ciência e da sabedoria, foram revelados. Hipátia, matemática e filósofa, foi considerada uma figura emblemática, sendo a primeira mulher reconhecida como cientista da época. Aglaonice é citada como a primeira mulher astrônoma na Grécia Antiga e era tida como feiticeira devido ao seu conhecimento em prever o tempo e a área onde ocorreria um eclipse lunar (Chassot, 2006; Silva, 2012; García; Perez Sedeño, 2002; Costa, Costa, 2019).

Além de Hipátia e Aglaonice, há muitos nomes de mulheres que tiveram destaque por suas contribuições. Perez Sedeño (1992) cita algumas mulheres que tiveram grande contribuição na matemática, na física e na astronomia. Na astronomia, Elisabeth Hevelius (1647-1693) é considerada uma das primeiras mulheres astrônomas. Ela publicou o catálogo compilado conjuntamente de 1.564 estrelas e

suas posições, considerado o último e mais importante catálogo a ser estabelecido por observações sem telescópio (Chassot, 2006; Costa, N., Costa, F., 2019).

No campo da matemática e física, as autoras mencionam a genialidade da autora francesa Châtelet-Laumont (1706-1749), que atuou proeminentemente como cientista nos campos da física e da matemática no Século XXIII. Sonya Kovalevsky (1850-1891) foi a primeira mulher a ser nomeada para a Academia de Ciências na Rússia e a terceira a conseguir um cargo acadêmico como professora, além de realizar grandes contribuições para a teoria das equações.

As autoras também citam nas suas obras alguns cientistas mais recentes: Maria Goeppert Mayer (1906-1972) ganhadora do Prêmio Nobel de Física, sendo líder nas pesquisas científicas ao longo de trinta anos; Lise Meitner (1878-1968), física austríaca que estudava radioatividade e física nuclear, descobridora da fissão nuclear; e Emmy Noether (1882-1935), conhecida pelas suas contribuições de grande relevância para a física teórica e álgebra abstrata. Apesar da autora ter elencado algumas importantes cientistas e pesquisadoras de grande relevância no desenvolvimento da ciência, muitas não tiveram o devido reconhecimento de sua participação e muitas continuaram e continuam mantidas na invisibilidade da história (Perez Sedeño, 2003, 1992).

Dessa forma, é inegável que o conhecimento feminino fora valioso para o nascimento e desenvolvimento do mundo atual. Contudo, o que esteve em voga nessa proposição sempre foi o não reconhecimento da participação delas.

Vale ressaltar que a história das mulheres não se resume apenas à opressão a que eram e ainda são submetidas, mas diz respeito às lutas e resistência que realizaram para desconstruir os preconceitos e as discriminações sofridas. O reconhecimento dos direitos das mulheres é fruto de um longo e lento processo de lutas históricas.

Como resultado da exclusão e opressão de gênero, há também o efeito na produção científica. Ao longo da história, as mulheres enfrentaram barreiras significativas no campo científico devido à discriminação e desigualdade de gênero. As mulheres foram excluídas do acesso à educação científica e às instituições acadêmicas. Elas enfrentaram restrições legais e sociais que as impediam de ingressar em universidades, participar de sociedades científicas e obter cargos de liderança na área científica.

Dessa forma, mesmo quando as mulheres conseguiam entrar no campo científico, enfrentavam discriminação e preconceito. Eram frequentemente excluídas de oportunidades de pesquisa e financiamento, tinham dificuldades para publicar seus trabalhos. Além disso, as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam desafios adicionais, como a pressão para equilibrar as demandas da carreira científica com as expectativas de papéis tradicionais de gênero, como a responsabilidade pela vida doméstica e pelos cuidados familiares.

Embora tenha havido progresso na promoção da igualdade de gênero na ciência, ainda existem disparidades significativas em termos de representação, reconhecimento e oportunidades para as mulheres cientistas.

É importante destacar que a diversidade de perspectivas de gênero na ciência é fundamental para impulsionar a inovação, a criatividade e o avanço científico. A superação das barreiras de gênero e a promoção da igualdade de oportunidades para as mulheres na ciência são essenciais para garantir uma produção científica mais justa, inclusiva e abrangente.

Estudar sobre a trajetória das mulheres no processo de inserção na ciência é de extrema relevância para compreender como se trilhou o caminho dessas pesquisadoras em diferentes contextos e períodos históricos, pois a ciência sempre foi vista como uma atribuição criada por homens e para homens. É essencial observar que a história é demarcada pelo domínio do sistema patriarcal, em que a predominância do gênero masculino na ciência nunca foi uma opção, mas sim uma imposição estruturalmente excludente (Schiebinger, 2001; Luciano, 2021).

A inviabilização das mulheres na ciência é um fenômeno que persiste há séculos, mesmo diante dos avanços e conquistas femininas. As mulheres sempre estiveram presentes na ciência, mesmo que em menor número, se comparadas aos homens. No entanto, os preconceitos, a estrutura patriarcal da sociedade e a falta de reconhecimento foram alguns dos principais empecilhos que atrasaram a participação feminina no meio científico (Nogueira, 2006).

Ao longo da história, muitas mulheres cientistas tiveram suas contribuições minimizadas, ignoradas ou até mesmo atribuídas a homens. Suas descobertas e pesquisas foram frequentemente subestimadas, enquanto seus nomes e realizações foram apagados dos registros científicos. Essa inviabilização impede não apenas o reconhecimento do trabalho dessas mulheres, mas também limita o papel inspirador

e motivador que elas podem desempenhar para as futuras gerações de cientistas (Lino; Mayorga, 2016; Silva, 2012).

A falta de representatividade feminina na ciência tem consequências profundas. Ao serem invisibilizadas, as mulheres são desencorajadas a buscar carreiras científicas, enfrentam barreiras adicionais em termos de oportunidades e recursos, e têm menos visibilidade e influência no campo. A superação dessa inviabilização requer uma mudança de mentalidade e ações concretas para garantir a igualdade de oportunidades e reconhecimento para as mulheres cientistas. É fundamental valorizar e amplificar suas vozes, divulgar suas conquistas e garantir que suas contribuições sejam devidamente reconhecidas e celebradas.

2.1 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ESTUDOS DE MULHER E GÊNERO

A produção científica é o meio pelo qual o conhecimento é difundido e democratizado. Serve como instrumento na construção do saber e na busca por soluções a problemas que se relacionam com as necessidades humanas, independentemente da área do conhecimento, por ter a qualidade de atuar substancialmente no campo tecnológico, econômico, educacional, político e social, uma vez que se trata de um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo buscar respostas aos problemas que são propostos (Medeiros; Lucas, 2014).

De acordo com Noronha e Kiyotani (2003), a produção científica é também conhecida como produção intelectual, produção acadêmica, produção do conhecimento, expressões essas que formam as produções bibliográficas, técnicas e artísticas realizadas por determinada comunidade. É importante mencionar que essa produção não deve ser considerada apenas fruto de interesse local ou pessoal de pesquisadores, mas também das demandas sociais.

É a forma mais eficaz, no âmbito internacional e brasileiro, de difusão do conhecimento, descobertas e teorias, com a finalidade de garantir o desenvolvimento de uma nação, romper paradigmas e melhorar a qualidade de vida. A produção e a organização do conhecimento se estabelecem por meio de sua pesquisa científica, compreendendo cada campo de conhecimento: linguagens próprias, tendências, associações cognitivas e sociais, traços característicos, interesses científicos, que permitem definir o campo e seus desdobramentos de como o conhecimento é construído e socializado (Custódio, 2018; Dorsa, 2018).

Assim, compreender como se caracteriza a produção científica contribui para a representação de uma dinâmica social ou de um corpo científico apoiado em orientações e políticas de uma comunidade e demais contextos. É mediante a produção científica e, portanto, a disseminação da informação que os sujeitos alcançam meios para transformar suas condições e mobilizam esforços para ter maior inserção e integração com as instituições de forma mais democrática (Silva; Aquino, 2014; Silva, 2020).

No entanto, para que a produção científica de uma área seja conhecida e adicionada à literatura científica, é essencial que a ciência seja comunicada, isto é, compreender como ocorre a comunicação entre os pares. Conforme Meadows (1999, p. 161), “a realização de pesquisas e a comunicação de seus resultados são atividades inseparáveis”. Ou seja, a comunicação se situa no próprio coração da ciência, e é para ela tão vital quanto a própria pesquisa (Meadows, 1999). A comunicação eficiente e eficaz constitui parte essencial no processo de investigação científica (Schwartzman, 2001).

Em corroboração, Ziman (1979, p. 83) menciona que “uma grande descoberta científica não passa a existir, apenas, por força da autoridade moral ou do talento literário do seu criador, e sim pelo seu reconhecimento e sua apropriação por toda a comunidade científica”. Dessa forma, é possível afirmar que a produção científica é vista como base e motor para o avanço científico e tecnológico mundial e a forma de comunicação é tão relevante quanto a pesquisa científica, uma vez que, sem ela, não existiria ciência e não se poderiam quantificar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas (Rey, 1978; Meadows, 1999).

A comunicação científica se tornou um meio indispensável não apenas como meio de promoção individual, mas enquanto forma de promoção e fortalecimento do ciclo criação, organização e difusão do conhecimento. Assim, a produção e a comunicação científica fazem parte de um sistema complexo, cujo funcionamento é essencial ao desenvolvimento do conhecimento científico (Bufrem; Silva; Fabian; Sorribas, 2007). Desta forma, Alves (2011, p. 1) afirma que:

a produção e comunicação científica estão ligadas à disseminação dos resultados de pesquisa e troca de informações entre os pares dessa comunidade. E tem como objetivo, além da publicização do conhecimento, a troca de ideias entre pesquisadores e o registro do conhecimento.

A comunicação científica, em uma clássica definição, pode ser compreendida como um conjunto de atividades que envolve a produção, disseminação e uso do conhecimento científico para possibilitar a promoção de sua evolução, ou seja, o principal objetivo da comunicação científica é dar continuidade ao conhecimento científico. Por meio da comunicação, propaga-se o saber para outros cientistas, pesquisadores e a comunidade, assegurando o progresso e desenvolvimento de novos estudos e possibilitando a outros poderem utilizá-la e avaliá-la sob outras visões (Brofman, 2012; Garvey; Griffith, 1979; Funaro, 2010).

Na ciência, a comunicação é viabilizada por meio de diversos canais que são divididos em dois tipos de comunicação: a comunicação escrita – canal formal – e a comunicação oral – canal informal. Os canais informais são aqueles constituídos pelos contatos pessoais entre os pesquisadores, compartilhando informações sobre seus interesses comuns. Já os canais formais registram a informação em algum suporte (Torino, 2010).

Entre os meios de comunicação orais, estão as conversas, os encontros científicos, os colóquios e as conferências, bem como as comissões científicas e técnicas. Entre os meios escritos, estão os relatórios de pesquisa, relatórios técnicos, teses e dissertações, boletins, pré-publicações, anais (resumos, pôsteres), artigos de periódico e o próprio periódico científico. As principais diferenças existentes entre os meios formais e informais estão relacionados à audiência, armazenamento, atualidade, orientação, redundância e interatividade (Garvey; Griffith, 1979; Le Coadic, 2004).

Vale ressaltar que, para haver a comunicação e divulgação da ciência, é primordial que o pesquisador leve em consideração qual canal de comunicação irá utilizar, não apenas para garantir a visibilidade do seu trabalho, mas para também proporcionar outros pesquisadores a terem acesso ao conhecimento, uma vez que é somente por meio da divulgação pelos canais de comunicação que haverá uma contribuição no desenvolvimento humano e social (Dorsa, 2018).

Assim, a produção científica se caracteriza como resultado comunicado da atividade prática divulgada por meio dos canais de comunicação, possuindo uma grande relevância nos estudos dos aspectos sociais das diversas realidades humanas, uma vez que visa compreender as necessidades e as consequências de viver em sociedade no decorrer dos séculos. A produção científica possui uma função social de extrema importância, pois sua responsabilidade é compartilhar os avanços

e resultados de pesquisa que sirvam para ajudar, trazer reflexão e compreensão acerca de determinado assunto.

Bourdieu (1998), como parte da sua teoria sociológica, corrobora com o entendimento sobre o campo científico, quando desenvolve os conceitos de *habitus* e *campus*. O *habitus* se refere ao conjunto de disposições duradouras e incorporadas que os indivíduos adquirem por meio da socialização e da experiência vivida em seu ambiente social, moldando as formas de pensar, perceber e agir das pessoas, influenciando suas escolhas, gostos, comportamentos e estilo de vida

O *habitus* é adquirido, principalmente, por meio da interação com os outros, ou seja, família, amigos, trabalho, instituições sociais e agentes sociais, por meio da internalização das normas, valores, crenças e práticas do ambiente social, formando uma estrutura mental que agirá como um filtro interpretativo para guiar as ações futuras, moldando a percepção e compreensão que os sujeitos têm do mundo ao seu redor (Bourdieu, 1998).

Já o conceito de campos se refere ao espaço social e estruturado que envolve um conjunto específico de relações sociais e práticas. Pode ser uma instituição, como o campo acadêmico ou o campo artístico, ou até mesmo um setor da sociedade, como o campo político ou o campo econômico (Kloot, 2009; Bourdieu, 1998).

Dentro do campo, os agentes sociais incorporaram as regras e competem por recursos simbólicos e materiais, como prestígio, reconhecimento, poder e capital. E as posições e relações de poder dentro de um campo são estabelecidas conforme as habilidades, conhecimentos e capital que os agentes possuem. Portanto, o *habitus* influencia sua posição e estratégia dentro de um campo, bem como a maneira que o sujeito interpreta e reage às práticas e disputas que ocorrem nesses espaços (Kloot, 2009).

Dentro desse cenário, o campo científico possui suas próprias regras, estruturas e dinâmicas, abrangendo instituições acadêmicas, pesquisadores, publicações científicas e outras formas de produção e legitimação do conhecimento científico. Assim, também está sujeito a lutas, concorrências internas pelo reconhecimento de recursos, como financiamento e cargos acadêmicos. Essas lutas são influenciadas pelo *habitus* dos agentes envolvidos, pois suas disposições internalizadas moldam suas estratégias de competição, suas redes de contatos e suas formas de produzir e apresentar conhecimento (Bourdieu, 1998).

As desigualdades de gênero também afetam o campo científico e pode ser observado em várias dimensões: sub-representação em várias áreas, sobretudo as de tecnologia; viés de gênero nas atribuições de oportunidades como posições de liderança; cultura e ambiente institucional que favorece práticas de trabalho masculinizadas, como longas horas de trabalho, falta de apoio à conciliação entre trabalho e vida pessoal e pouca valorização do cuidado e das habilidades de comunicação; assédio em ambiente acadêmico e científico. Estes fatores prejudicam a carreira acadêmica das mulheres.

Conforme Schiebinger (2008, p. 37), “a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência”.

Portanto, ao estudar a produção científica de determinada área, há a oportunidade de refletir sobre as dinâmicas de produção de conhecimentos, observando os modos de produção, quem a produz, quais grupos sociais se apresentam como produtores/objetos de conhecimento e quais são excluídos desse processo (Luciano; Cortes; Cardone; Cardoso; Martins, 2022).

Dessa forma, estudar a produção científica sobre mulheres e gênero proporciona a compreensão sobre como as áreas do conhecimento têm dinamizado os conteúdos informacionais sobre a temática. Torna-se possível conhecer os pesquisadores que têm se dedicado a estudar o tema, assim como analisar como estão sendo tratados os estudos de mulheres nas produções científicas nas universidades no país, identificando assim as raízes de problemas sociais, propondo reflexões, debates e políticas públicas que consigam proporcionar mudanças para que se possa superar os estereótipos e a desigualdade de gênero tornando uma sociedade mais igualitária.

Nas últimas décadas, as mulheres estão conquistando espaço no mundo inteiro, em praticamente todas as atividades. Entretanto, apesar dessa conquista e de possuírem, na atualidade, os mesmos ou melhores níveis de escolaridade que os homens, ainda existem algumas disparidades quando se discute a igualdade de gênero. Os estudos realizados no Brasil e em outros países evidenciam que a carreira das mulheres na ciência é ainda afetada por questões de gênero. Os homens ainda predominam entre os “grandes cientistas”. Ademais, são eles os laureados com os

principais prêmios e os representantes das academias de ciências (Aguinis; Ji; Joo, 2018).

Apesar disso, há uma preocupação com os estudos sobre mulheres e gênero que têm se destacado na literatura e alcançado reconhecimento na produção científica brasileira, dialogando com diversas áreas. A produção acadêmica sobre essa temática cresceu significativamente ao longo das últimas décadas, impulsionada pela dedicação das teóricas e pesquisadoras feministas e pelo avanço das pesquisas de pós-graduação nas áreas de sociologia, educação, história, antropologia, entre outras. Por isso, mostra-se relevante compreender melhor a representação e os estudos das mulheres nas produções científicas (Conceição; Teixeira, 2020).

2.2 OS ESTUDOS SOBRE MULHER E GÊNERO NA CI

No Brasil, a maioria dos estudos sobre mulheres e gênero começou a ganhar atenção dos especialistas e pesquisadores na década de 1970. Antes dessa década, pesquisas sobre as mulheres eram extremamente raras. Contudo, os anos 1970 e 1980 foram marcados por um acelerado processo de mudanças sociais. Com a emergência dos movimentos sociais e dos movimentos feministas, consolidaram-se novas forças políticas, abrindo caminhos para a desconstrução e desnaturalização do masculino e do feminino. Tanto o movimento quanto os estudos feministas e de gênero se intensificaram (Silva; Souza; Moura; Barros, 2019).

A luta feminista colaborou bastante para a inclusão das mulheres em espaços que antes lhes foram negados, como a política, a academia, as forças armadas e a tecnologia. Foi por meio dos estudos feministas que surgiram os estudos de gênero tendo influência de pesquisadores, como Judith Butler (2003) e Joan Scott (1995), que desenvolveram um conjunto de conceitos relativos aos estudos feministas e de gênero. O uso do conceito de gênero surgiu no Brasil em meados dos anos 1980, por meio da academia e dos movimentos sociais, sendo incorporado nas Ciências Sociais pelo movimento feminista (Scavone, 2008).

Os primeiros estudos acadêmicos sobre o tema se concentravam em mulheres trabalhadoras no espaço urbano e rural. Porém, nas décadas de 1980 e 1990, novos estudos acadêmicos e núcleos de estudos sobre as mulheres surgiram, dando espaço para novas linhas sobre o tema. Surgiram pesquisas voltadas para a atuação das

mulheres na vida social e nas formas de resistência à dominação masculina e de classe (Rago, 1995; Nascimento; Oliveira, 2019).

O núcleo pioneiro criado no país relacionado à temática foi o núcleo de estudos sobre a mulher no fim dos anos de 1980 no Rio de Janeiro. Em consequência, outros núcleos foram criados, realizando diversas pesquisas e estudos sobre ciência, gênero e mulher. Muitos desses estudos estão no livro "O laboratório de Pandora", escrito por Fanny Tabak, fundadora do Núcleo pioneiro (Vasconcellos; Lima, 2016).

É importante mencionar o papel de fundações e órgãos nacionais e internacionais que realizaram estudos para discutir e dar espaços às mulheres, tal como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que, desde a década de 1990, realiza pesquisas, atividades para uma maior inclusão das mulheres na ciência e tecnologia.

No Brasil, a Fundação Carlos Chagas em parceria com a Fundação Ford criou uma série de concursos de verbas para estudos sobre mulheres e gênero entre os anos de 1978 e 1998. O periódico "Cadernos de Pesquisa", criado em 1971 e editado pela Fundação Carlos Chagas, é considerado um dos primeiros a publicar estudos sobre gênero no país. Até os dias atuais, a fundação é a principal iniciativa de incentivo à produção acadêmica na área Brasil e é referência tanto nacional quanto internacional de estudos sobre mulheres (Leta, 2003).

Rosa (2018) destaca outros espaços nacionais importantes de estudos e pesquisas sobre mulheres e gênero que tiveram papel fundamental na época, como a Associação Nacional de Pesquisa em Letras (ANPOL) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a qual colaborou para criação de duas grandes revistas sobre gênero no Brasil: Estudos Feministas e Cadernos Pagu e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED).

Os estudos visam compreender o avanço da ciência em suas diversas áreas disciplinares e temáticas por meio do mapeamento e análise dos estudos científicos. Auxiliam, ainda, na tomada de decisões e na execução e no gerenciamento de novos estudos. A Ciência da Informação, por ser uma ciência interdisciplinar por natureza e em sua condição de ciência social aplicada, estuda os problemas referentes à informação em suas diversas formas, em que se preocupa com a transmissão desta, enquanto um fenômeno social (Santos; Targino; Freire, 2017).

A junção da Ciência da informação com os estudos de mulher e gênero colabora no processo de acesso, produção, organização e disseminação de assuntos informacionais que viabilizem a subversão das desigualdades vivenciadas pelas mulheres em distintas esferas sociais. Por sua vez, apesar da ciência da informação ter mais de cinquenta anos, as produções científicas relacionadas com os estudos de mulheres e gênero ainda são recentes nesse campo (Alves, D.; Costa; Silva; Cortes; Alves, E., 2018; Passos, 2019).

Conforme a pesquisa das autoras Karla Cristina Oliveira Dias e Francisca Rosimere Alves de Lima (2014), foi apenas na década de 1990 que ocorreram os primeiros registros de artigos científicos na Ciência da Informação. Para chegarem a essa afirmativa, as autoras fizeram um levantamento das produções científicas sobre mulheres e relações de gênero na Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) entre 1972 e 2011. A pesquisa teve como foco recuperar os trabalhos sobre mulheres e os estudos de gênero. Sendo assim, as autoras concluíram que, até 2011, ainda havia poucos estudos publicados com enfoque nas relações de gênero.

Mell Siciliano, Cleiton da Mota de Souza e Clara de Mello Souza Meth (2017), na sua pesquisa “Sobre o que falamos quando falamos de gênero na Ciência da Informação?”, observaram como o campo da CI contribui para os estudos de gênero. A pesquisa teve como cerne 588 artigos indexados na *Library and Information Science Abstracts* (LISA) de 1980 a 2016. A análise focou nas palavras-chave para identificar as temáticas por décadas. Assim, os resultados indicaram que o domínio “gênero” foi discutido na CI sob diferentes prismas ao longo dos anos, com foco principal em questões relacionadas aos estudos sobre mulheres e disparidades de gênero. Os autores observaram também que a temática foi abordada na área sobretudo nos tópicos tradicionais da CI, como comunicação científica e recuperação da informação.

Com a mesma premissa, Maria Ivonete Gomes do Nascimento e Eliane Braga de Oliveira (2019) analisaram as produções científicas sobre mulheres e gênero na Ciência da Informação, tendo um objeto de estudo distinto: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, base de dados desenvolvida e mantida pelo IBICT, e os anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), entre 2017 e 2018. As autoras observaram um número reduzido de estudos sobre o tema e propuseram uma reflexão sobre o pouco interesse da Ciência da Informação nesses estudos.

As pesquisadoras Ana Lúcia Tavares de Oliveira e Leilah Santiago Bufrem (2019) investigaram se a visibilidade da mulher como fonte de informação vem sendo pesquisada pelo ENANCIB. As autoras buscaram refletir como houve o crescimento das produções de artigos considerando as mulheres como fonte de informação. Para esse fim, o período de análise nas produções científicas do Encontro foi entre os anos de 2009 e 2018. Como resultado, as autoras observaram que a Ciência da Informação tem pesquisado a prática feminina como fonte de informação na difusão e disseminação do conhecimento e concluíram que as produções sobre as práticas culturais femininas no ENANCIB aumentaram significativamente em 2018, expandindo a visibilidade da mulher na área da CI.

Ester Ferreira da Silva, Cristian Berrío Zapata e Hamilton Vieira de Oliveira (2019) também investigaram as produções científicas sobre gênero nos ENANCIBs, com foco na exclusão das mulheres na ciência e na tecnologia. Eles verificaram o desenvolvimento da temática na comunidade científica na Ciência da Informação no Brasil. Foram analisados 1746 artigos entre 2014 e 2018 na conferência. O resultado mostrou que, mesmo a temática de tecnologia sendo central em todos os GTs, ainda existem poucas discussões sobre a exclusão feminina nesse meio.

Mayara Cintya do Nascimento Vasconcelos e Gabriela Belmont de Farias (2020) examinaram a BRAPCI com o objetivo de apresentar um mapeamento sobre os estudos de gênero evidenciando a produção feminina com foco em Ciência e Tecnologia e o período estipulado foi de 1972 a 2019. A pesquisa concluiu que os anos com maiores produções sobre o tema foram 2012, 2017 e 2019, mostrando um crescimento da temática com o passar do tempo. No entanto, as autoras mencionaram que os estudos de gênero em Ciência e Tecnologia necessitam de mais atenção na Ciência da Informação.

Em uma pesquisa mais recente, Célia Regina Simonetti Barbalho e Yasmin Martins Gomes (2022) identificaram a produção científica das alunas de pós-graduação da UFAM, mapeando a produção científica e apresentando um panorama das produções entre 2018 e 2020. Como resultado, notou-se que houve um declínio considerável na produção das discentes na pandemia. As pesquisadoras concluíram que, mesmo com os avanços da presença feminina na ciência, ainda existem algumas disparidades entre os gêneros em relação à produção científica. Ainda é um desafio a ser encarado pela sociedade a promoção igualitária da participação das mulheres no contexto acadêmico.

Maria Cristiana Félix Luciano (2021), na sua dissertação de mestrado na Ciência da Informação, investigou o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre as expressões “mulheres”, “gênero” e “feminismo” nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) de 1994 a 2019. A pesquisa revelou que o protagonismo social das mulheres que debateram sobre as relações e as diferenças de gênero nos anais do ENANCIB existe. A autora menciona que é de grande relevância dar continuidade às discussões sobre os termos.

A pesquisa de Ana Patrícia Silva Moura (2022) foca na análise da mediação da informação referente às temáticas de mulher, gênero e feminismo. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, utilizando a análise documental como principal método de investigação, analisando documentos institucionais, repositórios de teses e dissertações e outros materiais relacionados aos programas de pós-graduação em Ciência da Informação em diversas universidades brasileiras. A autora concluiu que, embora haja um avanço significativo na incorporação dessas temáticas nos currículos e na produção acadêmica, ainda existem desafios a serem superados, como a necessidade de maior engajamento de todos os autores envolvidos e a ampliação das estratégias de mediação para alcançar públicos mais amplos.

Na dissertação de Nadine da Silva Costa (2022), foi analisada a participação das pesquisadoras na área da Ciência da Informação como autoras das bibliografias recomendadas nos editais para seleção de mestrado nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCIs) brasileiros, com o intuito de compreender como essas pesquisadoras estão sendo representadas na área. Como resultado, a autora constatou que há uma superioridade de bibliografias de autores homens como indicação de leitura nos editais de mestrado na CI no Brasil. Dessa forma, a autora apontou que há uma necessidade dos PPGCIs revisarem e reformularem as preferências feitas para os editais de seleção.

Tais estudos revelam reflexões sobre a temática na Ciência da Informação, possibilitando analisar como a área, composta majoritariamente de mulheres, tem dinamizado conteúdos informacionais sobre o tema. Apesar das pesquisas sobre mulheres e gênero estarem em ascensão na área, ainda são necessários mais estudos que abordem o tema, não somente nos seus tópicos tradicionais, mas em todo o âmbito da CI. Visto que a informação é condição primária para o empoderamento feminino, a Ciência da Informação, por desenvolver estudos sobre

as propriedades da informação, possui uma boa parcela de responsabilidade e de dever em busca da promoção da igualdade de gênero.

Diante do exposto, é perceptível o aumento de núcleos de estudos, programas, grupos de trabalhos, simpósios temáticos, mesas de discussões com intuito na abordagem do tema, além de periódicos acadêmicos que priorizam o assunto. Gradativamente, os estudos sobre mulheres e gênero vêm se expandindo e ganhando notoriedade no cenário acadêmico-científico (Oliveira; Bufrem, 2019).

É importante destacar que a representatividade feminina na Ciência da Informação tem impulsionado uma mudança significativa nos conteúdos informacionais abordados. As mulheres, como parte significativa da área, têm trazido perspectivas únicas para as discussões sobre gênero, contribuindo para a construção de uma base de conhecimento mais inclusiva. Apesar dos avanços alcançados, ainda há lacunas a serem preenchidas, sendo necessário ampliar os estudos sobre a temática em toda a abrangência da CI (Luciano; Cortes; Cardone; Cardoso; Martins, 2022).

Dessa forma, a Ciência da Informação precisa encarar sua perspectiva social como parte do seu campo teórico, reforçando sua condição social como ferramenta informacional, pois se torna essencial para o desenvolvimento e avanço das produções científicas relacionadas aos estudos de mulheres e gênero (Araújo, 2003).

Portanto, a CI, por se envolver na promoção da igualdade de gênero e do desenvolvimento de estudos e análises informacionais, pode desempenhar um papel crucial no fortalecimento do empoderamento feminino e na construção de uma sociedade mais equitativa.

3 TESES E DISSERTAÇÕES

As teses e dissertações são documentos essenciais, elaborados como trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação, envolvendo pesquisas originais sobre temas específicos. Esses cursos têm como objetivo capacitar professores para o ensino superior, formar pesquisadores e profissionais altamente qualificados, visando à obtenção dos graus acadêmicos de mestre e doutor.

No Brasil, o termo "dissertação" se refere ao trabalho acadêmico necessário para a obtenção do grau de mestre, enquanto "tese" é associado à pesquisa para o grau de doutor. Em outros países, esses termos podem ter significados diferentes. Conforme Campello (2007), esses documentos não se limitam a requisitos formais para a conclusão dos cursos, mas adquiriram um notável potencial para comunicar de forma primária os resultados de investigações, especialmente com o avanço dos sistemas de informação.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (2011) define a dissertação como um documento que apresenta os resultados de um trabalho experimental ou estudo científico prévio, enquanto a tese deve ser fundamentada em pesquisa original, representando uma contribuição significativa para o campo de estudo. Esses trabalhos são reconhecidos pela inclusão de revisões de literatura e são considerados confiáveis por serem avaliados por pares. Representam um acervo de extrema relevância para as instituições, refletindo a dedicação dos mestres e doutores em pesquisas profundas (Brumatti, 2015; Cunha, 2016).

As diferenças nos procedimentos para a realização de trabalhos de Doutorado e Mestrado variam conforme a natureza da pesquisa, as características das instituições e as especificidades das áreas de conhecimento. No entanto, todas essas pesquisas devem seguir critérios rigorosos que garantam sua cientificidade, para que possam ser validadas pela comunidade científica e contribuir significativamente para a ciência ou a sociedade, visto que representam não apenas a produção científica do aluno, mas também a competência do programa de pós-graduação em formar pesquisadores (BRASIL, 2014; Lopes; Romancini, 2006).

Conforme Souza (2021), essas produções acadêmicas são cruciais tanto para o aluno quanto para o programa, evidenciando a importância de ambos no processo de geração de conhecimento. São resultado do esforço do programa em oferecer um ensino e uma experiência de alta qualidade, bem como da capacidade do aluno em

transformar os conhecimentos adquiridos em produção científica. Ou seja, as teses e dissertações representam o resultado de um processo de aprendizado na Pós-Graduação, e esse processo resulta em atividades científicas, tornando-os pesquisadores.

Vale ressaltar que esses documentos ainda se enquadram na tipologia da literatura cinzenta, apesar do avanço das tecnologias digitais e da maior acessibilidade proporcionada pelos repositórios eletrônicos. Essa classificação se deve a uma série de características inerentes a esses documentos.

O termo "literatura cinzenta" é usado por acadêmicos, pesquisadores, bibliotecários e especialistas em informação para se referir a documentos divulgados por canais não tradicionais e que geralmente não estão sob controle bibliográfico. Normalmente, esses documentos estão acessíveis fora dos sistemas convencionais de publicação e distribuição de livros e não podem ser adquiridos em livrarias ou editoras (Pavlovska, 2018).

Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, literatura cinzenta é definida como o “conjunto de documentos impressos ou mult copiados que não são nem editados, nem difundidos comercialmente. Circulam, geralmente, na administração pública e privada, em congressos, reuniões e centros de pesquisa” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 230).

Grupta e Sharma (2020) descrevem que materiais e pesquisas gerados fora dos canais convencionais de publicação e distribuição acadêmica, como relatórios técnicos, documentos de trabalho e as teses e dissertações, enquadram-se nessa definição.

Em consonância com essa perspectiva, Almeida (2000) conceitua literatura cinzenta como documentos que não são tradicionalmente publicados em revistas acadêmicas comerciais ou livros, mas que são arquivados em bibliotecas universitárias e acessíveis apenas a um público restrito. Esses documentos não são gerenciados por editoras comerciais e frequentemente carecem de controle bibliográfico. Isso contribui para a sua classificação contínua como literatura cinzenta, mesmo com a evolução das plataformas digitais que facilitam o acesso a esses materiais.

Contudo, autores como Funaro e Noronha (2006) alertam que, com o avanço tecnológico, a literatura cinzenta não pode ser caracterizada apenas por sua tipologia (teses, dissertações, relatórios, eventos e outros) ou por suas características (difícil

acesso, tiragem limitada, dentre outros casos); deve-se também considerar sua acessibilidade na rede.

Almeida (2000) corrobora com essa visão ao destacar que a literatura cinzenta se tornou mais acessível com o advento da internet, especialmente nas áreas científica e tecnológica. Embora nem toda literatura cinzenta esteja disponível em formato eletrônico, o impacto da tecnologia na divulgação desse material é inegável e está em crescimento, dinamizando o processo de comunicação científica. A autora sugere que é necessário redefinir a literatura cinzenta considerando sua disponibilidade na *web* e propõe a reclassificação dos documentos que se enquadram nessa categoria.

Funaro e Noronha (2006) destacam que, dentro da tipologia da literatura cinzenta, as teses e dissertações são os tipos mais comuns que tentam obter um controle bibliográfico mais efetivo. No Brasil, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES exemplifica boas práticas nesse contexto. Desde sua criação em julho de 2002, o catálogo tem se mantido como um banco de acesso aberto de qualidade, evidenciando a importância do projeto e a necessidade de divulgar esse tipo de material (Brasil, 2023).

A disseminação das teses e dissertações por meio de repositórios digitais, base de dados e bibliotecas acadêmicas amplia o acesso ao conhecimento produzido, beneficiando a comunidade científica e a sociedade em geral. Essa maior acessibilidade contribui para que esses documentos sejam reconhecidos como fontes importantes de informação e pesquisa (Grupta; Sharma, 2020).

Dessa forma, a transformação no acesso e reconhecimento das teses e dissertações reflete uma evolução significativa na forma como o conhecimento acadêmico é produzido e compartilhado. Esses documentos são essenciais não apenas para a formação de novos pesquisadores, mas também como base para futuras investigações, servindo como ponto de partida para novas descobertas e avanços científicos.

Chaudary (2014) afirma que as teses e dissertações fornecem amplas revisões de literatura, oferecendo um panorama abrangente do conhecimento atual em diversos campos, o que é essencial para o desenvolvimento de novas pesquisas. Além disso, esses documentos são cruciais para preencher lacunas de informação, especialmente devido aos atrasos entre a realização da pesquisa e sua publicação formal, bem como à possibilidade de algumas pesquisas nunca serem publicadas.

Igualmente, é notória a relevância dessas fontes de informação, pois funcionam como indicadores de avaliação da produção científica de uma área e de um país e servem como subsídio para a política de ensino e pesquisa nacional. Com elas, é possível identificar as áreas do conhecimento em expansão e as lacunas de pesquisa tanto em nível institucional quanto nacional (Moraes; Oliveira, 2010).

Dessa forma, teses e dissertações não só enriquecem a análise científica com dados detalhados e atualizados, mas também desempenham um papel vital na identificação de tendências e necessidades na pesquisa científica, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento e a formulação de políticas educacionais e de pesquisa.

Esses trabalhos acadêmicos são, portanto, essenciais para entender a formação, o desenvolvimento e a influência dos estudos sobre mulher e gênero, tanto em um nível teórico quanto prático, dentro dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Eles não apenas refletem as mudanças e avanços na área, mas também influenciam diretamente como o conhecimento é transmitido e aplicado em contextos acadêmicos e sociais.

Vale ressaltar que o objetivo da pesquisa não é aferir a qualidade das teses e dissertações, mas utilizá-las como uma importante fonte de dados para investigações sobre como os estudos de mulher e gênero vem sendo abordado no contexto da Pós-Graduação em Ciência da Informação.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A ciência ocupa um lugar de grande relevância perante a sociedade, já que busca soluções e aperfeiçoamentos para os diversos problemas da mais diversificada ordem que surgem no contexto social. Etimologicamente, o termo ciência deriva do verbo em latim *Scire*, que significa aprender, conhecer. Contudo, essa definição é insuficiente para diferenciar a ciência de outras atividades referentes ao aprendizado e ao conhecimento (Prodanov; Freitas, 2013). Assim, Ferreira (2004) define ciência como um conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão.

A ciência é uma das contribuições mais importantes existente e nela concretizam a curiosidade e as incansáveis tentativas de representar o mundo, sendo a parte fundamental da cultura e da sociedade. Logo, a ciência se caracteriza como uma forma de conhecimento em que o sujeito interage e emprega processos ou operações mentais com objetos físicos ou sociais, mobilizando aspectos epistemológicos, métodos, instrumentos e técnicas de análise, em que questiona, reflete, problematiza e produz um conhecimento para ser reconhecido ou não pela comunidade científica (Aquino, 2013).

Dessa forma, o fazer ciência indica que o conhecimento científico unifica as dimensões físicas, biológicas, culturais, psicológicas e sociais, existindo uma harmonia entre ciência e sociedade. Portanto, é possível afirmar que o fazer ciência é conhecer também a realidade social (Morin, 1999).

Com base nesse pressuposto, “a Ciência da Informação é um campo social de produção do conhecimento voltado às questões ligadas à informação, em que se preocupa com a geração, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação [...]” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 186). A informação abrange não apenas as mensagens que são cognitivamente processadas, mas também um contexto, uma situação específica. Logo, a informação abrange motivação e intencionalidade do sujeito, mas sempre conectadas a um horizonte social, do qual fazem parte a cultura e as ações desempenhadas (Saracevic, 2000).

Assumindo essa concepção, esta pesquisa se insere no paradigma social mencionado por Capurro (2008), o qual aponta que a Ciência da Informação é voltada

para um enfoque interpretativo centrado no contexto social. Em outras palavras, a CI se volta para as possibilidades de busca e de apreensão de conhecimento colocadas ao indivíduo, além de seu papel na construção da sociedade, mediada pelos debates sociais compartilhados, nas quais os processos informacionais são socialmente construídos (Zammataro; Cunha; Santos; Albuquerque, 2021).

Desse modo, esta dissertação se enquadra em uma pesquisa social mediante um estudo bibliométrico em que a produção científica em teses e dissertações será investigada em um recorte social do marcador de gênero.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois, além de utilizar embasamento teórico elaborado com base em material já publicado para a revisão de literatura, utilizará de um *corpus* constituído de fontes bibliográficas específicas: as Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação. A pesquisa bibliográfica busca explicar um problema por meio de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e tese. É a pesquisa cujos dados e informações são coletados em produções já existentes e servem de base para a análise e interpretações, formando um novo trabalho científico (Leite, 2008).

A pesquisa bibliográfica é o tipo de pesquisa que mais se usa entre os pesquisadores, pois praticamente toda pesquisa acadêmica necessita em algum momento da realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa tem uma grande vantagem por permitir ao pesquisador abrangência de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que em uma pesquisa direta (Cervo; Bervian; Da Silva, 2007; Gil, 2010).

Quanto aos objetivos, a pesquisa será descritiva, visto que, após estudado o conteúdo norteador da pesquisa e amplificada a compreensão sobre ele, procura-se a descrição do objeto de investigação, seja medindo ou coletando informações. A pesquisa descritiva observa, registra, analisa as informações sem manipulá-las (Sampieri; Collado; Lucio, 2006). Assim, as informações que serão avaliadas nesta etapa de investigação, sendo neste caso extraídas do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, servirão de conhecimento para a efetuação da análise futura.

Este tipo de pesquisa, além de apresentar determinado fenômeno, poderá também direcionar à definição das relações entre variáveis estabelecidas, o que ajudará no desenvolvimento e aprofundamento do objeto estudado, direcionando ao alcance dos objetivos instituídos por meio do conhecimento extraído (Gil, 2010).

Como já citado, as teses e dissertações dos programas de pós-graduação em CI depositadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES formará o *corpus* da pesquisa, em que serão coletados e analisados os componentes da investigação. À vista disso, quando se refere ao procedimento aplicado para a coleta dos dados, compreende-se o uso da pesquisa documental com a técnica abordada nessa ocasião. Para Leite (2006), a pesquisa descritiva de caráter documental é utilizada para colher informações na descrição de fatos ocorridos, de usos e costumes de povos, grupos e indivíduos ou, como é o caso desta pesquisa, na apresentação do que foi descrito em documentos científicos.

O uso de documentos, de acordo com Cellard (2008), permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Ou seja, a análise documental possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja percepção necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Para a abordagem do problema, a pesquisa terá caráter quantiquantitativo, sendo dividida em duas partes. Serão analisados quantitativamente os dados e, depois, será realizada a interpretação qualitativa dos dados. De acordo com Leite (2008), a divisão entre métodos qualitativos e quantitativos é apenas teórica, pois, na prática, ambos são usados de forma complementar em toda e qualquer pesquisa. Os métodos qualitativos são auxiliares dos quantitativos e vice-versa. Em outras palavras, não há quantificação sem a preexistência e aplicação da qualificação tanto antes como depois da coleta das informações para análise (Bauer; Gaskell, 2002).

De acordo com Leite (2008), a divisão entre métodos qualitativos e quantitativos é apenas teórica, pois, na prática, ambos os métodos são usados de forma complementar em todo tipo de estudo

Conforme Barros e Lehfeld (2008), a coleta de dados significa o passo da pesquisa em que se verifica e se obtém os dados e informações da realidade pela aplicação de técnicas utilizando para isso os instrumentos de coleta e análise dos dados. Assim, como procedimentos técnicos de coleta e análise de dados, serão empregadas técnicas bibliométricas para mensurar a produção científica, com a

finalidade de um melhor entendimento acerca de como as questões da temática mulher e gênero estão sendo abordadas pela CI.

4.2 BIBLIOMETRIA

A bibliometria é definida para Tague-Sutcliffe (1992, p. 1) como uma ferramenta métrica que “estuda os aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão”. A bibliometria tem a função de medir a ciência, permitindo o acompanhamento da produção científica e contribuindo para o desenvolvimento de novas pesquisas. Isso é possível porque, por meio das métricas, pode-se mapear e organizar a produção científica, permitindo a identificação de áreas que necessitam de mais pesquisas ou que já estão bem desenvolvidas (Mugnaini; Carvalho; Campanatti-Ortiz, 2006).

Ao analisar seu contexto histórico, Bufrem e Prates (2005) comentam que a bibliometria como prática multidisciplinar começou a ser utilizada para identificar os comportamentos da literatura científica e sua evolução em determinados contextos históricos. Os autores destacam que a bibliometria busca criar um perfil dos registros de conhecimento por meio de métodos quantificáveis, abordando alguns problemas sociológicos para alcançar uma realidade concreta.

Atualmente, o termo é frequentemente associado à medição de qualquer tipo de documento e está relacionado ao estudo dos processos quantitativos de produção, disseminação e uso da informação, bem como aos mecanismos avançados de busca *online* e técnicas de recuperação da informação (Bufrem; Prates, 2005).

Figueiredo e Almeida (2017) destacam que a bibliometria utiliza técnicas quantitativas para analisar produções científicas, com o objetivo principal de examinar a produção relacionada a um tema específico, a disseminação e o uso de informações registradas, empregando métodos matemáticos e estatísticos. Souza (2021) complementa que a função da bibliometria é quantificar a ciência, permitindo acompanhar a produção científica e auxiliar no desenvolvimento de novas pesquisas. Esses estudos possibilitam mapear e organizar a produção científica, criando uma cartografia eficiente que representa a realidade e ajuda a compreender melhor uma área específica do conhecimento.

Segundo Spinak (1998), a bibliometria envolve a aplicação de análises estatísticas para estudar como documentos são utilizados e criados. Mueller (2007) acrescenta que essa técnica permite avaliações baseadas em contagens de diferentes tipos de documentos, considerando períodos, pesquisadores, instituições ou países. Além disso, pode-se analisar citações, co-citações, colaboração e coautoria, entre outros aspectos.

Assim, é possível afirmar que a bibliometria possui diversas aplicações, desde a avaliação da produção científica de países ou regiões até a análise de desempenho de universidades e empresas.

Utilizando abordagens quantitativas baseadas em modelos matemáticos e estatísticos, a bibliometria permite explorar a produção científica em áreas específicas, identificar tendências emergentes e avaliar o impacto de publicações e autores individuais (Narin; Hamilton, 1996; Macias-Chapula, 1998; Soares *et al.*, 2016). Dessa forma, ela auxilia na identificação de tendências de crescimento do conhecimento, dispersão e obsolescência de campos científicos, além de destacar autores e instituições mais produtivas, proporcionando um panorama detalhado de uma temática em determinada área do conhecimento.

Assim, a bibliometria, como área de estudo da CI, tem um papel de grande importância na análise da produção científica, uma vez que seus indicadores podem apresentar e/ou descrever o comportamento e desenvolvimento de uma área do conhecimento (Araújo; Alvarenga, 2011). O emprego da bibliometria possibilita ao pesquisador compreender melhor um campo científico, definindo, entre outras características, as temáticas mais estudadas e possíveis mudanças nos rumos das pesquisas (Figueiredo; Almeida, 2017; Autran; Gomes, 2018).

Além disso, proporciona um entendimento mais aprofundado sobre como a questão de mulher e gênero está sendo abordada no campo, conferindo-lhe uma maior visibilidade. Adicionalmente, os indicadores de mulher e gênero presentes em estudos bibliométricos têm o potencial de contribuir significativamente para o desenvolvimento de políticas científicas que busquem promover a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres na academia (Bufrem; Nascimento, 2012).

4.3 CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES COMO *LOCUS* DA PESQUISA

O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES é o sistema *online* oficial do governo brasileiro para depósito de teses e dissertações brasileiras, vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil. A CAPES desempenha um papel fundamental na coordenação e avaliação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) no país, e o Catálogo de Teses e Dissertações é uma das ferramentas utilizadas para divulgar a produção acadêmica brasileira.

Salienta-se que, antes de optar pelo Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como fonte principal para o *corpus* da pesquisa, foi realizada uma consulta à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Esse repositório, coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), tem como objetivo integrar e disseminar as teses e dissertações defendidas nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras.

Dessa forma, realizou-se uma busca na plataforma da BDTD utilizando os descritores "mulher" e "gênero". Durante esse processo, verificou-se que o número de teses e dissertações retornado foi significativamente menor em comparação ao encontrado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Além disso, foram identificadas dificuldades na aplicação dos filtros de busca na BDTD, o que comprometeu a eficiência do processo de seleção e contribuiu para a escolha do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como fonte mais adequada para realização desta pesquisa.

Assim, o motivo inicial para a escolha do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foi pela sua eficaz disponibilidade *online* das teses e dissertações, proporcionando facilidade de acesso aos materiais. Além disso, a confiabilidade das informações fornecidas pela base de dados foi um fator determinante, considerando que todos os Programas de Pós-Graduação no Brasil prestam informações a esse órgão. Por último, a decisão foi respaldada pela sua função crucial na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em todos os estados do país

O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES é um repositório que compila as informações provenientes de teses e dissertações apresentadas em programas de pós-graduação no Brasil. Esse catálogo abrange 458.657 resumos de trabalhos de pós-graduação e serve como uma ferramenta de busca e consulta. Os resumos contemplam teses e dissertações defendidas desde 1987. Importante ressaltar que as

informações são fornecidas diretamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelos programas de pós-graduação, os quais assumem a responsabilidade pela veracidade dos dados (BRASIL, 2023).

A CAPES implementou o Catálogo de Teses e Dissertações em julho de 2002, visando facilitar o acesso a informações relacionadas a teses e dissertações provenientes dos programas de pós-graduação no Brasil. Essa plataforma não apenas simplifica a obtenção desses dados, mas também oferece informações estatísticas abrangentes sobre essa produção intelectual (Silva, 2002).

Nesse contexto, as informações referentes às teses e dissertações são repassadas diretamente à CAPES pelos Programas de Pós-Graduação. Cabe aos PPGs a responsabilidade de garantir a veracidade das informações e encaminhar as produções à CAPES. Assim, essa prática contribui para a confiabilidade e precisão dos dados disponibilizados.

É importante destacar que a atualização dessas informações ocorre de forma anual, coincidindo com o relato das atividades dos PPGs à CAPES por meio da Plataforma Sucupira. A Plataforma Sucupira é o sistema usado pela CAPES para coletar, gerenciar e avaliar dados de programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil (Siqueira, 2019). Esse processo regular assegura a manutenção de dados precisos e atualizados, proporcionando uma visão abrangente e confiável da produção acadêmica no âmbito dos programas de pós-graduação no país (BRASIL, 2023).

Dessa forma, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES garante o acesso, a visibilidade e a preservação das produções acadêmicas no Brasil, fortalecendo a pesquisa científica e a formação de conhecimento no país.

4.4 CORPUS DE PESQUISA: TESES E DISSERTAÇÕES DOS PPGCIS

Para o tratamento e análise dos resultados, foram empregadas técnicas bibliométricas conforme literatura publicada em periódicos (Gibbon; Neubert; Dias, 2023; Silva, 2019). A base de dados utilizada como fonte de informação foi o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Para uma maior abrangência de produções, foram utilizados os descritores “gênero” e “mulher” de maneira individual no buscador da base em trabalhos de mestrado e doutorado, pois ambos estão inseridos na temática de maneira complementar entre os anos de 2013 e 2023 apenas em programas de pós-graduação de Ciência da Informação do país que estavam

cadastrados na base utilizada como fonte de pesquisa. Os dados foram coletados no dia 10 de julho de 2024. O Quadro 1 apresenta os filtros de busca selecionados na seleção dos trabalhos.

Quadro 1 - Filtros utilizados na formação do quantitativo de trabalhos avaliados na pesquisa

Tipo de filtro	Filtro selecionado
Descritores	“Gênero” e Mulher”
Tipo de Trabalho	Mestrado e Doutorado
Ano	2013 até 2023
Nome do Programa	Ciência da Informação

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

O período estipulado foi de 10 anos, compreendido entre 2013 e 2023, com intuito de obter maior cobertura na identificação da última década, além de verificar a atualidade da temática. Tal critério foi escolhido para eliminar trabalhos com resultados desatualizados. O ano de 2024 não foi incluído na análise por ainda estar em curso no momento da realização da pesquisa.

Vale ressaltar que a extensão da amostra foi representada neste estudo por 24 Universidades Federais do Brasil que possuem o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Para esse fim, foi feita uma pesquisa prévia na Plataforma Sucupira para identificar quais Instituições Federais contemplam o programa de pós-graduação em CI e quais e quantos cursos são ofertados no país.

Não foram utilizados os indicadores booleanos (por exemplo: *AND*, *OR*, *NOTE*), por entender que alguns trabalhos importantes poderiam não ser recuperados na base. Além disso, ao não utilizar esses indicadores, é possível verificar cada tema de maneira individualizada e mais detalhada, podendo identificar particularidades que os indicadores booleanos provavelmente não retornariam (Braun; Clarke, 2019).

Após a definição do número de trabalhos de acordo com a pesquisa utilizando os dois descritores supracitados, deu-se início à etapa de tratamento dos dados. Nessa etapa, foi realizada a unificação do quantitativo de trabalhos seguida da avaliação de cada pesquisa para se verificar e excluir trabalhos em duplicidade recuperados pela busca. Posteriormente, foi realizada a leitura dos títulos e palavras-chaves das produções para verificar se a pesquisa possui relação com a temática a ser desenvolvida na presente pesquisa. A terceira e última etapa consistia na leitura dos resumos, mas ela só era aplicada quando a leitura dos títulos e palavras-chaves não era conclusiva.

Para tabulação dos resultados e realização de análises estatísticas, foi utilizado o programa *Microsoft Excel*. Assim, todas as informações significativas sobre o panorama de desenvolvimento da temática na CI por meio de teses e dissertações, frequência de publicações, porcentagem e porcentagem cumulativa foram sistematizadas em tabelas. Os dados estão representados na análise de dados por meio de gráficos, tabelas e nuvens de palavras, de maneira a facilitar a compreensão e leitura.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentados e analisados os dados coletados ao longo da pesquisa, com o objetivo de fornecer um panorama detalhado dos estudos sobre mulher e gênero nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. A análise está estruturada em seis subseções, cada uma abordando aspectos específicos dos resultados obtidos.

Na subseção 5.1, "Distribuição dos PPGCIs das universidades federais do Brasil", será apresentada a distribuição dos programas de pós-graduação em CI nas universidades federais, destacando as instituições que oferecem esses programas, assim como uma divisão das universidades que têm o programa por região. Essa seção também mostrará os nomes dos programas e o quantitativo de programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.

Em seguida, na subseção 5.2, "Coleta de dados da pesquisa", será detalhado o processo de coleta de dados, incluindo as metodologias aplicadas para a obtenção e filtragem das informações necessárias para a análise.

A subseção 5.3, "Grau de titulação e frequência das teses e dissertações", abordará a distribuição dos trabalhos acadêmicos de acordo com o grau de titulação (mestrado ou doutorado), fornecendo *insights* sobre a frequência e a evolução temporal dessas produções.

Na subseção 5.4, "Principais orientadores e quantitativos de trabalhos por universidades", serão apresentados os orientadores que se destacam no desenvolvimento de pesquisas sobre mulher e gênero, bem como o quantitativo de trabalhos produzidos em cada universidade, permitindo identificar padrões e lideranças acadêmicas.

A subseção 5.5, "análise dos resultados distribuídos por sexo", focará na distribuição de autores e orientadores das teses e dissertações de acordo com o sexo, oferecendo uma perspectiva sobre as dinâmicas de gênero presentes na produção acadêmica.

Por fim, na subseção 5.6, "assuntos mais explorados nas pesquisas sobre mulher e gênero", serão destacados os principais assuntos abordados nas teses e dissertações analisadas, utilizando a técnica de nuvem de palavras para identificar as palavras-chave mais recorrentes e compreender as tendências no campo de estudo.

5.1 DISTRIBUIÇÃO DOS PPGCIS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO BRASIL

Conforme informações retiradas do Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) por meio da Plataforma Sucupira, na Tabela 1, apresentam-se todas as IES que possuem PPGCIs, instituições, suas UFs e as modalidades oferecidas.

Tabela 1 - Cursos de Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Instituição	UF	PPG	ME	MP	DO	Total
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	SP	2	1	1	1	3
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	MG	2	2	0	2	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RJ	RJ	2	0	2	0	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI	CE	1	0	1	0	1
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	SE	1	0	1	0	1
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	PR	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	BA	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	PB	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	PE	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	SC	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	SP	1	1	0	0	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	CE	1	1	0	0	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	PA	1	1	0	0	1
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO	SP	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	RJ	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	RJ	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	DF	1	1	0	1	2
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA	SC	1	0	1	0	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	RN	1	0	1	0	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	RS	1	1	0	0	1
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA	RJ	1	0	1	0	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	AL	1	1	0	0	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	ES	1	1	0	0	1
UNIVERSIDADE FUMEC	MG	1	1	0	1	2
Totais		27	19	8	13	40

Legenda: ME: mestrado acadêmico; MP: mestrado profissional; DO: doutorado. Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira (CAPES, 2023)

Como demonstrado na Tabela 1, tem-se os totais de programas e de cursos de cada modalidade. A Ciência da Informação brasileira conta com 27 PPGCIs, tendo 19 cursos de mestrado acadêmico, 8 cursos de mestrado profissional e 13 de doutorado, gerando um total de 40 cursos de pós-graduação na área.

No Quadro 2, estão relacionadas às IES e seus respectivos PPGs, modalidade/tipo, ano de início. A modalidade/tipo está dividida entre acadêmico (ACAD) e profissional (PROF). É importante mencionar que nem todos os PPGs recebem o nome de “Ciência da Informação” de acordo com a Plataforma Sucupira, visto que estão classificados na área “Comunicação e Informação” e na subárea “Ciência da Informação” pela CAPES. Serão chamados de PPGCIs nesta pesquisa.

Quadro 2 - Lista dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação de cada Instituição

Instituição de Ensino	Programa de Pós-Graduação	Tipo	Início¹
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2006
	GESTÃO DA INFORMAÇÃO	PROF.	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO	ACAD.	1976
	GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	ACAD.	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	BIBLIOTECONOMIA	PROF.	2012
	GESTÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS	PROF.	2012
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (UFCA)	BIBLIOTECONOMIA	PROF.	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	PROF.	2017
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2012
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2013
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2007
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2009
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2000
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2017
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" (UNESP)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	1998
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2009

¹ Ano de início do mestrado de cada PPG, identificado na Plataforma Sucupira

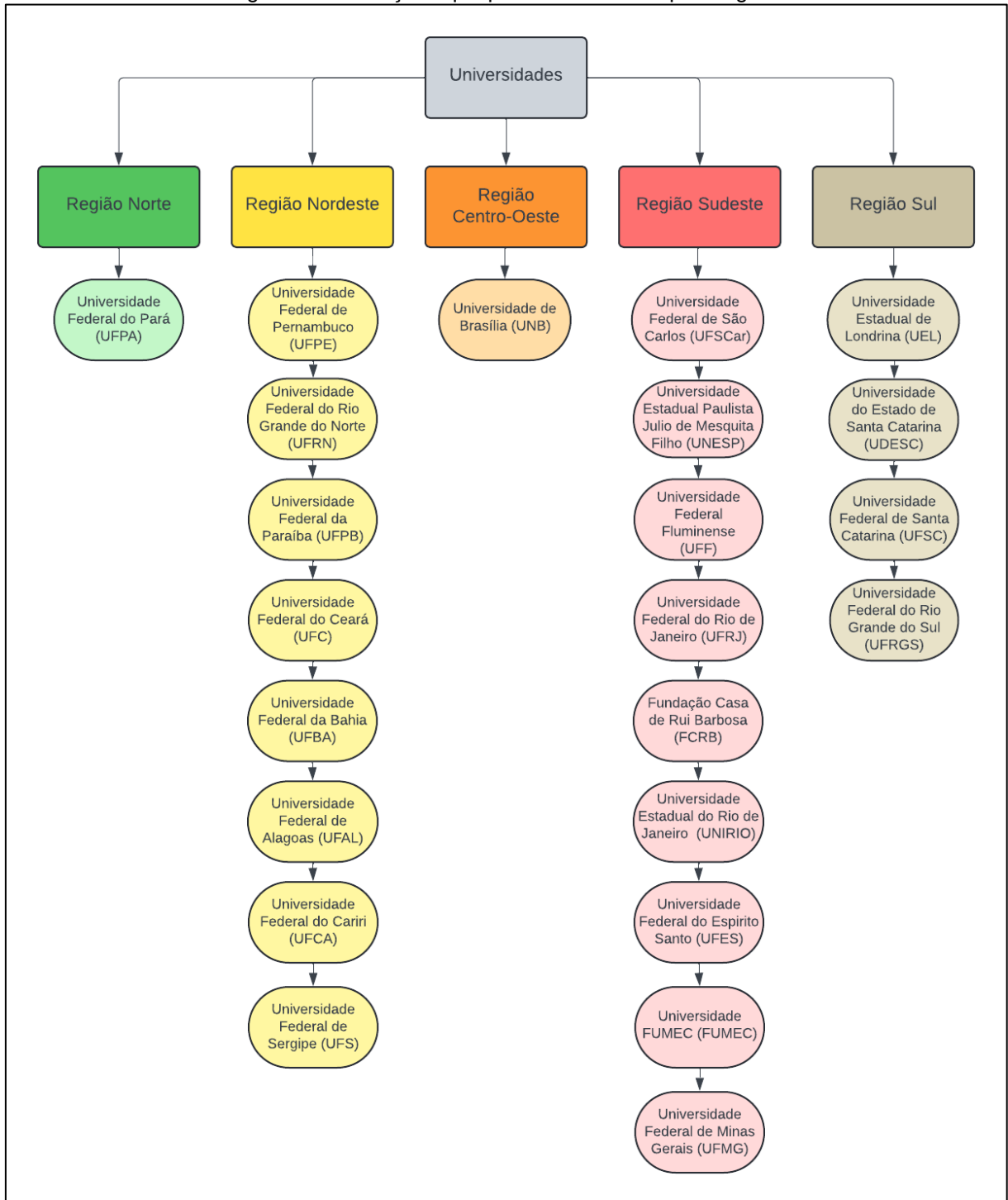
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ-IBICT)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	1970
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)	CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO	ACAD.	1978
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)	GESTÃO DA INFORMAÇÃO	PROF.	2013
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO	PROF.	2015
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2019
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (FCRB)	MEMÓRIA E ACERVOS	PROF.	2016
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2019
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ACAD.	2019
UNIVERSIDADE FUMEC (FUMEC)	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO	ACAD.	2010

Fonte: Adaptado de Plataforma Sucupira (CAPES, 2023)

Observa-se no Quadro 2 as diferentes denominações dos PPGCIs, como: “Gestão da Informação”; “Gestão de Arquivos”; “Biblioteconomia”; “Gestão de Documentos e Arquivos”; “Gestão da Informação e do Conhecimento”; “Memória e Acervos”; “Sistema de informação”; e “Gestão do conhecimento”. Todos os PPGs citados anteriormente são do tipo profissional e fazem parte da área de Ciência da Informação. Além desses, existem os PPGs do tipo acadêmico que são compostos majoritariamente pela denominação Ciência da Informação. Mas, ao realizar a pesquisa, também foram verificadas as denominações “Gestão e Organização do Conhecimento” da UFMG e “Sistema de informação e Gestão do Conhecimento” da FUMEC que também são do tipo acadêmicos.

Abaixo, na Figura 1, é possível identificar as instituições por região que possuem os Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no país.

Figura 1 - Instituições que possuem PPGCIs por Região



Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira (BRASIL, 2023)

A Figura 1 mostra a distribuição por região das Instituições que possuem o programa de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. A Região Norte (1 instituição), Nordeste (8 instituições), Centro-Oeste (1 instituição), Sudeste (10 instituições) e Sul (4 instituições), totalizando 24 instituições com PPGCIs no país. A região com o maior número de Instituições que possuem o programa é a região

Sudeste, seguida, respectivamente, pelas regiões Nordeste e Sul e as regiões com menor número de PPGCIs são a região Norte e a Centro-Oeste.

Para a extensão da amostra desta pesquisa, foram consideradas todas as 24 Instituições Federais representadas pela Figura 1, por meio de um agregador, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

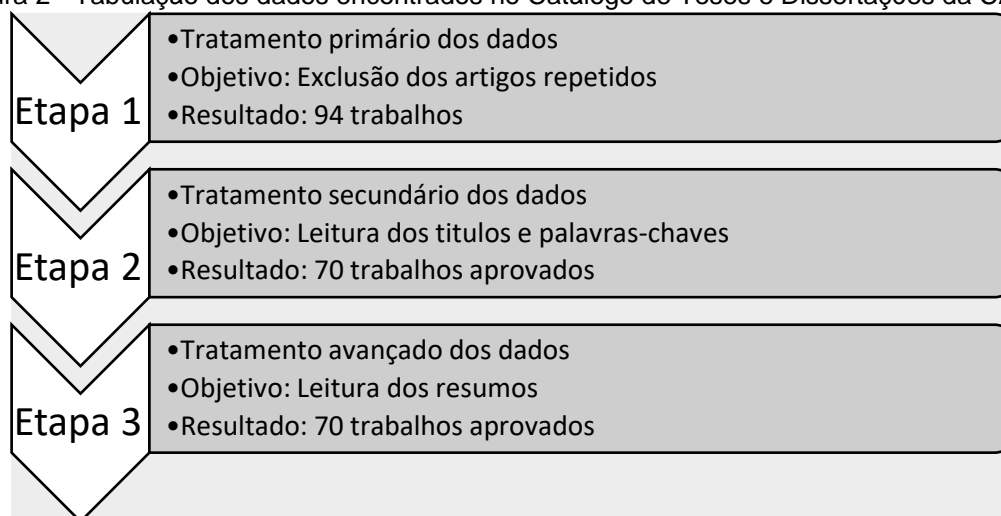
5.2 COLETA DE DADOS DA PESQUISA

A pesquisa bibliográfica realizada retornou 121 trabalhos acadêmicos publicados entre 2013 e 2023, entre as modalidades de mestrado e doutorado, ao unificar os dois descritores escolhidos (“mulher” e “gênero”). Foram 65 trabalhos encontrados ao utilizar o descritor “mulher” e 56 pesquisas obtidas ao avaliar o descritor “gênero”. A primeira etapa de tratamento dos dados consistiu na exclusão dos trabalhos que se apresentaram duplicados ao unificar as duas pesquisas realizadas. Nessa etapa, o número total de 121 trabalhos encontrados foi reduzido para 94 trabalhos, tendo sido excluídos 27 trabalhos duplicados.

Na segunda etapa de tratamento dos dados, foi realizada a verificação dos títulos e palavras-chave das teses e dissertações, a fim de verificar se os trabalhos encontrados estavam relacionados aos estudos de mulheres e de gênero, resultando na eliminação de 27 trabalhos, permanecendo 70 trabalhos para análise.

Em seguida, foram analisados os resumos dos 70 trabalhos restantes, para confirmação de que estavam relacionados aos temas “mulheres” e “gênero”, optando-se pela manutenção das 70 pesquisas encontradas por possuírem afinidade com as temáticas pesquisadas. A Figura 2 detalha o passo a passo seguido no estudo bibliométrico.

Figura 2 - Tabulação dos dados encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES



Fonte: Autoria própria (2024)

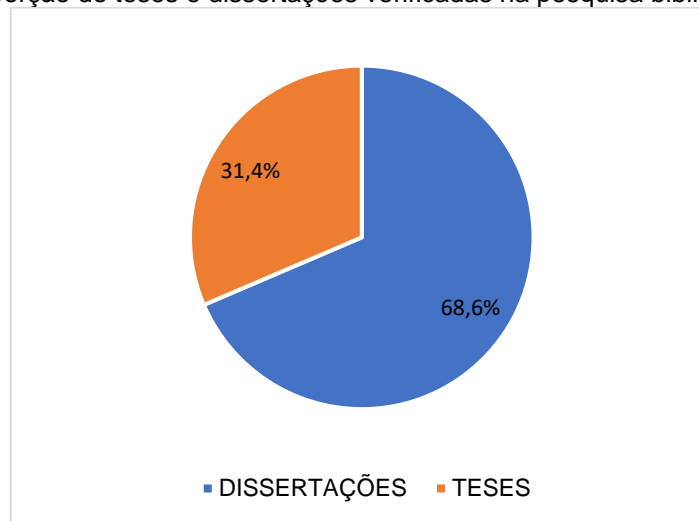
A Figura 2 ilustra o processo de tabulação dos dados encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, divididos em três etapas de tratamento dos dados. Na etapa 1, foi realizado o tratamento primário com o objetivo de excluir artigos repetidos, resultando em 94 trabalhos. A etapa 2 corresponde ao tratamento secundário, lendo os títulos e palavras-chave, restando 70 trabalhos selecionados. Na etapa 3, foi feito o tratamento avançado dos dados, com a leitura dos resumos, mantendo-se os mesmos 70 trabalhos selecionados após essa etapa final de análise.

Nos próximos tópicos, serão apresentados os resultados das análises bibliométricas já realizadas com base nos dados tabulados, abrangendo o grau de titulação e a frequência das teses e dissertações, os principais orientadores e a distribuição quantitativa dos trabalhos por universidades. Além disso, serão exibidos os resultados distribuídos por sexo, bem como os assuntos mais abordados nas pesquisas sobre mulher e gênero. Esses dados oferecem uma visão clara e detalhada sobre os temas investigados ao longo da pesquisa.

5.3 GRAU DE TITULAÇÃO E FREQUÊNCIA DAS TESES E DISSERTAÇÕES

Com base na análise bibliométrica realizada, foram elaborados gráficos para facilitar a compreensão e interpretação dos resultados. O Gráfico 1 mostra a distribuição dos estudos de acordo com a modalidade do trabalho, indicando se as pesquisas verificadas são dissertações ou teses.

Gráfico 1 - Proporção de teses e dissertações verificadas na pesquisa bibliométrica realizada



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A análise sobre as teses e dissertações dos PPGCIs no Brasil, que abordam os temas de mulher e gênero, revelou uma predominância de dissertações em relação às teses. Conforme o Gráfico 1, que ilustra a distribuição dos trabalhos conforme o grau de titulação, 48 trabalhos (68,6%) correspondem ao mestrado, enquanto 22 trabalhos (31,4%) estão vinculados ao doutorado.

Esses indicam uma predominância de produção acadêmica na fase inicial da pós-graduação, representada pelos cursos de mestrado, o que pode estar associado ao fato de o número de vagas oferecidas para o mestrado ser maior em comparação ao doutorado. Pode-se correlacionar esses dados com a Tabela 1 desta pesquisa, que mostra a distribuição dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, em que foi possível observar que a área conta com 27 PPGCIs, dos quais 19 são cursos de mestrado acadêmico, 8 são de mestrado profissional e apenas 13 de doutorado.

Esses números reforçam a relação direta entre a oferta de cursos de mestrado, tanto acadêmico quanto profissional, e o maior número de dissertações, que é o trabalho final exigido nesse nível de formação. Com uma oferta mais ampla de cursos de mestrado, é natural que o volume de dissertações seja consideravelmente maior que o de teses de doutorado. Esse padrão reflete não apenas a estrutura da pós-graduação no Brasil, mas também as características da produção acadêmica na CI, que se concentra mais fortemente na fase inicial da pós-graduação, refletindo diretamente na menor produção de teses.

Além disso, a duração mais curta do curso de mestrado, que é de dois anos, em contraste com os quatro anos exigidos para a conclusão do doutorado, pode desestimular potenciais pesquisadores de seguirem para o doutorado.

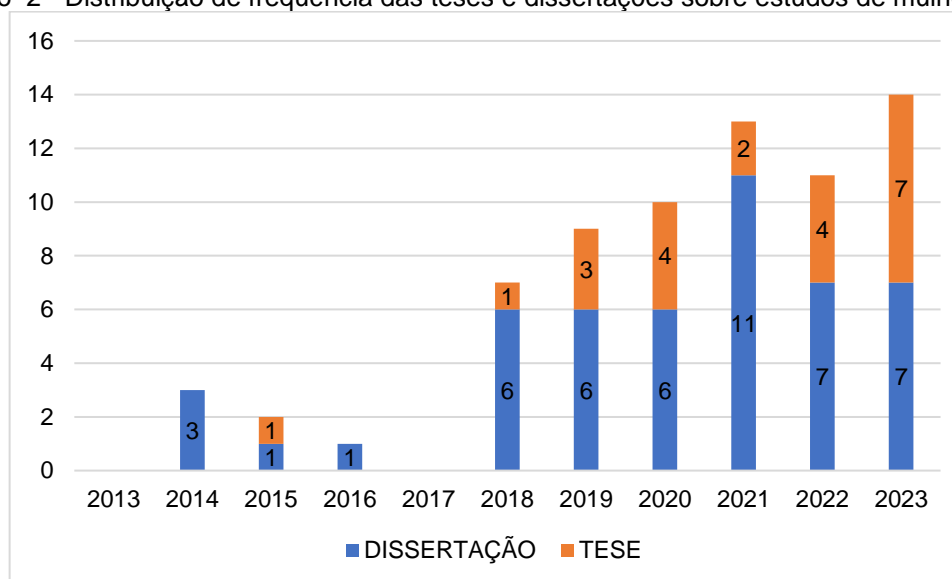
Essa disparidade é corroborada por McManus (2023), que destaca que os programas de mestrado no Brasil historicamente oferecem mais vagas devido ao seu papel fundamental na formação inicial de pesquisadores e na qualificação profissional. Isso reforça a ideia de que a estrutura dos programas de pós-graduação no Brasil favorece a concentração de pesquisas no mestrado, refletindo seu papel central na capacitação acadêmica e profissional.

Essa relação entre o número de vagas e a duração dos cursos também encontra suporte na análise de Wollast (2018), que examina os fatores associados à evasão em programas de doutorado. Eles descobriram que o maior índice de evasão ocorre nos primeiros dois anos do programa, principalmente devido à falta de financiamento. A combinação da duração prolongada do doutorado com dificuldades financeiras pode desestimular os estudantes a continuarem levando muitos a abandonarem o curso. Portanto, o tempo e os recursos exigidos para a conclusão do doutorado são fatores que influenciam significativamente a decisão de continuar ou não nesse nível de formação.

Após a análise do quantitativo de dissertações e teses de acordo com o grau de titulação, a presente pesquisa se aprofundou na distribuição das teses e dissertações sobre a temática de mulher e gênero nos PPGCIs ao longo dos últimos dez anos. O objetivo foi traçar um panorama cronológico que permita compreender a evolução desses estudos no campo acadêmico, identificando tendências e períodos de maior produção.

Nesse contexto, o Gráfico 2 apresenta a distribuição temporal das publicações de teses e dissertações focadas em estudos de mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação. Os dados, extraídos do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, revelam como a produção acadêmica nessa temática tem se desenvolvido ao longo do período analisado, oferecendo uma visão clara das dinâmicas e dos fluxos de pesquisa dentro desse campo específico.

Gráfico 2 - Distribuição de frequência das teses e dissertações sobre estudos de mulher e gênero



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A análise dos dados do Gráfico 2 revela uma evolução significativa nos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação ao longo dos últimos anos. Desde 2018, observa-se um aumento constante nas produções, atingindo 14 trabalhos em 2023. Esse aumento reflete um interesse cada vez maior e uma valorização da temática entre os pesquisadores da área.

No início do período analisado, em 2013, não houve registros de trabalhos, e entre 2014 e 2016, a produção era limitada, mas há um aumento progressivo, sobretudo após 2018. Esse crescimento acompanha as tendências apontadas pelos autores, que indicam um aumento gradual na produção acadêmica sobre a temática, especialmente desde 2018, quando o número de publicações se intensifica de maneira significativa.

O crescimento observado no gráfico é confirmado pela pesquisa de Vasconcelos e Farias (2020), que identificou 2012, 2017 e 2019 como anos de aumento nos estudos de gênero e tecnologia na CI. Esse crescimento, conforme evidenciado no gráfico, sugere que a temática ganhou maior destaque e importância no contexto acadêmico, refletindo um reconhecimento mais amplo da necessidade de discutir e pesquisar questões de gênero na área. Esses dados se alinham com os achados da pesquisa, que mostra um aumento expressivo em 2018, indicando que as discussões sobre gênero começaram a ganhar mais destaque e reconhecimento nesse período.

Da mesma forma, o artigo de Luciano, Côrtes, Cardone, Cardoso e Martins (2022) analisou a mediação consciente da informação no ENANCIB. O estudo revelou que, embora a produção científica sobre temas como "mulheres", "gênero" e "feminismo" tenha sido limitada até 2017, houve um aumento considerável nas publicações desde 2018. Esse aumento observado na pesquisa sugere que a maior conscientização e o reconhecimento da importância desses temas no meio acadêmico têm impulsionado um crescimento significativo nas pesquisas.

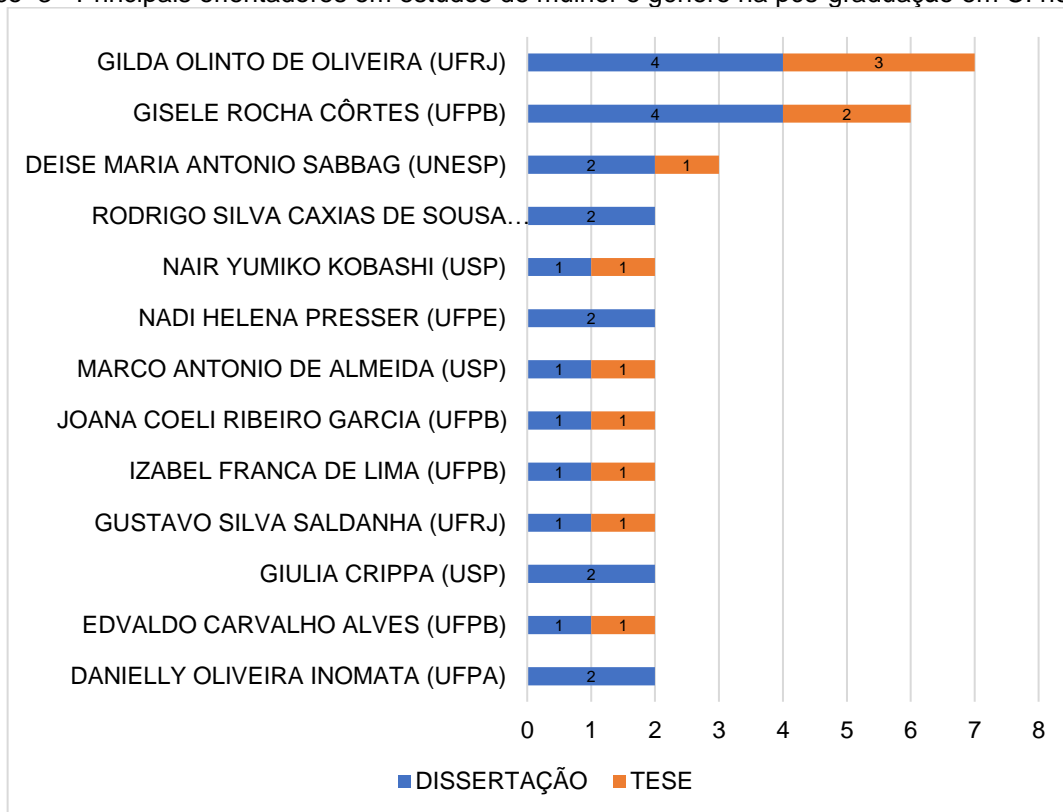
As autoras também destacaram que o surgimento do GT12 no ENANCIB, dedicado a "gênero, raça, etnia e epistemologias feministas em Ciência da Informação", desempenha um papel fundamental no fortalecimento das discussões sobre mulher e gênero. A inclusão dessas temáticas em eventos acadêmicos tem contribuído para a ampliação do debate e para a promoção da igualdade de gênero na área.

5.4 PRINCIPAIS ORIENTADORES(AS) E QUANTITATIVOS DE TRABALHOS POR UNIVERSIDADES

A pesquisa também investigou os orientadores e orientadoras mais ativos na orientação de teses e dissertações sobre a temática de mulher e gênero na CI, destacando o quantitativo de produções acadêmicas sob sua supervisão.

No Gráfico 3, foram identificados os principais orientadores e orientadoras que atuam na temática de mulher e gênero nos PPGCIs no Brasil. Vale destacar que os resultados apresentados consideram apenas os orientadores(as) com mais de um trabalho publicado sobre o tema, uma vez que houve um número significativo de orientadores(as) com apenas um trabalho relacionado a essa temática.

Gráfico 3 - Principais orientadores em estudos de mulher e gênero na pós-graduação em CI no Brasil



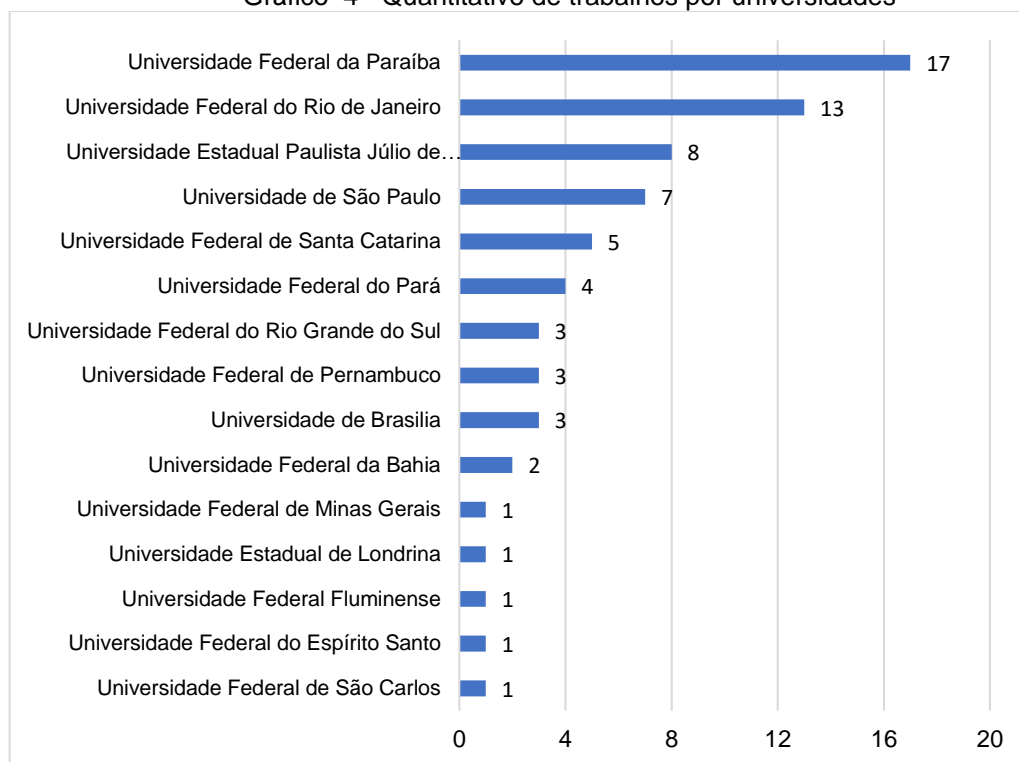
Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A análise do gráfico mostra que Gilda Olinto de Oliveira (UFRJ) é a orientadora com o maior número de trabalhos orientados sobre as temáticas de mulher e gênero, com sete trabalhos orientados, divididos entre quatro dissertações e três teses. Ela é seguida por Gisele Rocha Côrtes (UFPB), com seis trabalhos orientados, sendo quatro dissertações e duas teses. Deise Maria Antonio Sabbag (UNESP), na sequência, aparece com três orientações, das quais duas são dissertações e uma tese. Os demais orientadores, supervisionaram dois trabalhos cada, mostrando uma distribuição relativamente equilibrada na orientação de teses e dissertações sobre a temática.

Após identificar os principais orientadores e o número de trabalhos sob sua supervisão, a pesquisa se dedicou a aferir o quantitativo de teses e dissertações produzidas por diferentes universidades que oferecem pós-graduação em CI. Esse levantamento permitiu identificar quais instituições de ensino superior estão mais ativas na produção acadêmica relacionada aos estudos de mulher e gênero, contribuindo para um entendimento mais amplo da distribuição geográfica e institucional desses estudos.

Conforme ilustrado no Gráfico 4, é possível observar as instituições de ensino superior que se destacam pelo maior número de pesquisas sobre mulher e gênero nos PPGCIs.

Gráfico 4 - Quantitativo de trabalhos por universidades



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Conforme o Gráfico 4, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) se destaca significativamente, com 17 trabalhos, seguida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com 13 trabalhos.

Outras universidades, como a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e a Universidade de São Paulo (USP), também aparecem como importantes polos de pesquisa, com 8 e 7 trabalhos, respectivamente. Essas instituições demonstram uma forte atuação na produção acadêmica relacionada às temáticas de mulher e gênero na CI.

A relevância da UFPB e da UFRJ pode ser parcialmente atribuída ao papel central das professoras Gisele Rocha Côrtes, da Universidade Federal da Paraíba, e Gilda Olinto de Oliveira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conforme dados apresentados no Gráfico 3. Analisando os currículos *Lattes* dessas professoras, observa-se que ambas têm contribuído significativamente para o avanço dos estudos sobre mulher e gênero em suas respectivas instituições.

Gisele Rocha Côrtes, atualmente professora associada do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB), tem contribuído significativamente para o campo. Ela coordena e participa de projetos de pesquisa focados em gênero, interseccionalidade e mediação da informação, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento nessa área.

Entre seus projetos de destaque, estão "Mediação da Informação e Interseccionalidade", que analisa questões de gênero e raça/etnia, com ênfase nas mulheres negras, e "Mediação da Informação e Protagonismo Social", que explora o uso da informação para promover a igualdade de gênero e raça. Gisele Rocha Côrtes também se destaca em eventos científicos como o ENANCIB, em que suas contribuições sobre mediação da informação, gênero e feminismo têm sido fundamentais para elevar o debate sobre essas questões no cenário acadêmico nacional.

É importante destacar que a liderança da UFPB no número de pesquisas sobre gênero no PPGCI não se deve apenas à atuação da professora Gisele Rocha Côrtes, mas também à contribuição significativa de outros docentes, como Izabel França de Lima, Joana Coeli Garcia e Edvaldo Carvalho Alves, que figuram no Gráfico 3 como principais orientadores em estudos de mulher e gênero na pós-graduação em CI no Brasil. Esses professores, juntamente com Gisele Rocha Côrtes, desempenham um papel crucial na promoção e desenvolvimento dessa temática dentro do programa, posicionando a UFPB como um centro de referência em pesquisas sobre as temáticas.

Gilda Olinto de Oliveira, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFRJ), é uma líder nas pesquisas sobre desigualdades de gênero na ciência e tecnologia. Ela coordena e participa de projetos que exploram as oportunidades e desafios das mulheres em carreiras científicas e no uso das TICs, como o projeto "Diferenças de oportunidades das mulheres e de outros segmentos em desvantagem social", que investiga barreiras sociais e tecnológicas na Ciência.

Além disso, Gilda Olinto de Oliveira é ativa em eventos científicos e comissões editoriais, contribuindo regularmente em conferências e publicações de destaque. Sua liderança no grupo de pesquisa "Tecnologia de Informação e Sociedade" e seu papel no PPGCI/UFRJ reforçam sua influência acadêmica e seu impacto na formação de novos pesquisadores voltados para as questões de gênero.

É relevante destacar que, além da professora Gilda Olinto de Oliveira, o professor Gustavo Silva Saldanha tem uma atuação significativa no desenvolvimento da temática de gênero no PPGCI da UFRJ. Conforme ilustrado no Gráfico 3, que apresenta os principais orientadores de estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, o professor figura como uma das principais referências acadêmicas na orientação de pesquisas nessa área, fortalecendo o papel da UFRJ como uma instituição relevante no campo dos estudos de gênero na CI.

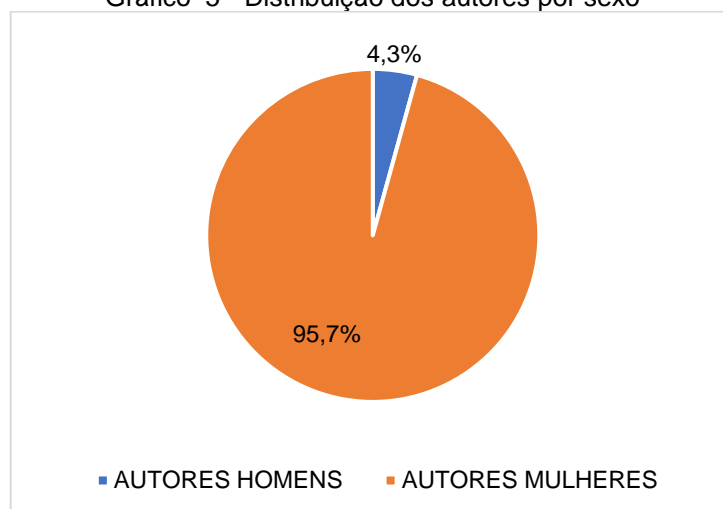
Esses professores têm desempenhado um papel fundamental no avanço dos estudos sobre mulher e gênero em suas respectivas instituições. Além de orientar um número significativo de pesquisas, eles têm sido essenciais para moldar o campo, ampliando a visibilidade e aprofundando as discussões sobre questões de gênero na Ciência da Informação. Os esforços dos pesquisadores da UFPB e UFRJ reforçam a importância de suas contribuições acadêmicas, fortalecendo os PPGCIs de ambas as instituições como referências nacionais na produção de teses e dissertações sobre essa temática.

5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DISTRIBUÍDOS POR SEXO

Nessa seção, a pesquisa realizou uma análise sobre o sexo dos autores e orientadores das teses e dissertações. Este estudo é fundamental para compreender as dinâmicas de gênero presentes na produção acadêmica, permitindo identificar possíveis disparidades e padrões de participação entre homens e mulheres no desenvolvimento de pesquisas sobre mulheres e gênero.

O Gráfico 5 ilustra a distribuição por sexo dos autores das teses e dissertações sobre mulher e gênero, fornecendo uma visão clara da representatividade de cada grupo na produção científica sobre as temáticas.

Gráfico 5 - Distribuição dos autores por sexo



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

No Gráfico 5, é apresentada a distribuição por sexo dos autores das teses e dissertações sobre os estudos de mulher e gênero. Os dados revelam uma predominância expressiva de autoras mulheres, com 67 trabalhos (95,7%), em comparação a apenas 3 trabalhos realizados por autores homens (4,3%). Este resultado destaca a predominância de mulheres na produção acadêmica sobre esta temática, o que pode refletir uma maior sensibilidade e interesse das mulheres em estudar questões relacionadas ao gênero.

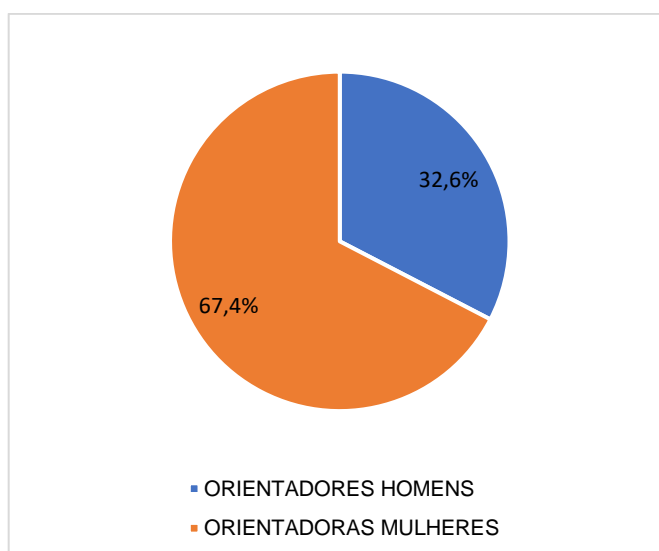
A literatura disponível também corrobora essa tendência. De acordo com Rosa (2018), a produção científica sobre gênero nos programas de pós-graduação demonstra que as mulheres são predominantemente as autoras de estudos que abordam questões de gênero. Esse fenômeno pode ser explicado pela maior identificação e interesse das mulheres por temas que abordam suas próprias experiências e desafios, como a desigualdade de gênero, a violência contra a mulher, e a busca por equidade. A autora destaca que, nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), essa dinâmica se repete, com uma significativa maioria de mulheres envolvidas em pesquisas sobre gênero, o que reforça a percepção de que as mulheres tendem a se engajar mais em estudos que abordam as questões de gênero e mulheres.

Além disso, Bufrem e Nascimento (2012) destaca que a presença das mulheres na produção científica sobre gênero é um reflexo de sua busca por compreender e alterar as desigualdades históricas enfrentadas pelas mulheres, especialmente no campo científico, que historicamente tem sido dominado por homens.

Assim, a predominância de autoras mulheres nos estudos sobre gênero na CI pode ser vista como parte de um movimento mais amplo, em que as pesquisadoras não buscam apenas compreender, mas também transformar as realidades sociais e acadêmicas que perpetuam as desigualdades de gênero.

Já no Gráfico 6, é ilustrada a distribuição por sexo dos orientadores (as) das teses e dissertações sobre mulher e gênero. Essa análise visa compreender como as dinâmicas de gênero se manifestam não apenas entre os autores, mas também entre os orientadores que guiam e supervisionam a produção acadêmica nessa área.

Gráfico 6 - Distribuição dos orientadores por sexo



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O Gráfico 6 ilustra a distribuição por sexo dos orientadores (a) das teses e dissertações sobre estudos de mulher e gênero. Os resultados indicam que 31 (67,4%) dos orientadores são mulheres, enquanto 15 (32,6%) são homens. Esse dado revela que, embora a maioria das orientações seja realizada por mulheres, há uma presença significativa de homens orientando pesquisas nesta área.

Essa distribuição pode refletir a crescente participação de mulheres em posições acadêmicas de liderança, especialmente em áreas de estudo que envolvem questões de gênero. Segundo a pesquisa de Barros e Mourão (2020), as mulheres tendem a predominar em áreas como as Ciências Humanas e Sociais, que incluem estudos de gênero, o que pode explicar por que a maioria dos orientadores neste campo é composta por mulheres.

No entanto, o fato de 15 (32,6%) dos orientadores serem homens indica que a temática de gênero também está atraindo a atenção de pesquisadores homens, o que pode ser interpretado como um sinal positivo de que as questões de gênero estão se tornando uma preocupação mais ampla, transcendendo as barreiras de gênero. De acordo com Valentova, Otta, Silva e Mcelligott (2017), embora as mulheres sejam mais prevalentes em certas áreas da ciência, a participação masculina em estudos de gênero pode ser vista como um passo em direção à igualdade de gênero na academia, promovendo uma abordagem mais inclusiva e diversificada.

Movimentos sociais como o *He for She*, lançado pela ONU, têm sido fundamentais para incentivar o envolvimento de homens na luta pelos direitos das mulheres, desafiando a ideia de que os estudos de gênero são de interesse exclusivo feminino. Esse movimento convida os homens a se tornarem aliados ativos na promoção da igualdade de gênero, reforçando que a luta pela equidade é uma responsabilidade coletiva (UN WOMEN, 2014). No contexto acadêmico, essa participação masculina, especialmente na orientação de pesquisas, reflete a importância de uma visão mais ampla e colaborativa sobre as questões de gênero.

Portanto, esse cenário demonstra que, mesmo com o protagonismo feminino nesses estudos, a contribuição dos homens como orientadores é crucial para fortalecer e expandir o entendimento das temáticas, enriquecendo o debate com perspectivas diversas e reforçando a importância de se continuar incentivando a participação masculina nessa discussão.

5.6 ASSUNTOS MAIS ABORDADOS EM MAIOR FREQUÊNCIA NAS PESQUISAS SOBRE MULHER E GÊNERO

Nesta seção, para facilitar a visualização dos assuntos mais abordados sobre mulher e gênero nas teses e dissertações dos PPGCs durante o período estudado, optou-se por utilizar o método da nuvem de palavra. Esse método é eficaz, pois permite identificar rapidamente as palavras-chave mais frequentes, oferecendo uma visão clara das principais palavras-chave das teses e dissertações analisadas, conforme visualizado na Figura 3.

Figura 3 - Nuvem de palavra com as principais palavras-chave



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A Figura 3 representada por uma nuvem de palavra foi construída com as palavras-chave que apareceram mais de duas vezes nas teses e dissertações analisadas.

A expressão "Ciência da Informação" é a mais frequente, sendo mencionada 18 vezes, seguida por "gênero" com 15 menções, "feminismo" e "mulheres negras", cada uma com 9 menções. Outros termos relevantes incluem "estudos de gênero" (8), "mulheres" (7), "práticas Informacionais" (7), "mediação da informação" (5), "protagonismo social" (5), "informação" (5) e "violência doméstica" (4).

A análise das palavras-chave nas teses e dissertações revela que há uma concentração significativa em outros assuntos dentro dos estudos de mulher e gênero na CI. O termo "feminismo" emerge como um assunto de destaque, mencionado 9 vezes, indicando um forte interesse na exploração das teorias e movimentos feministas.

Outros assuntos frequentemente abordados são “práticas informacionais” e “competência informacional”, cada um mencionado 7 vezes, refletindo o interesse em entender como as práticas e habilidades de informação estão ligadas às questões de gênero. Além disso, a presença de "mulheres negras" (6 menções) como uma palavra-chave frequente indica uma preocupação crescente com a interseccionalidade, explorando as experiências específicas das mulheres negras na sociedade e na academia.

Entre as palavras-chave que aparecem três vezes nas teses e dissertações analisadas, destacam-se “empoderamento” (3), “feminicídio” (3), “feminismo negro” (3), “mediação” (3), “memória” (3), “mulher” (3), “políticas públicas” (3), “regime de informação” (3), “LGBTQIA+” (3) e “mulher na ciência” (3). Esses termos refletem uma ampla gama de temas que abrangem desde questões específicas sobre a identidade e a experiência feminina até tópicos mais amplos relacionados às políticas e práticas sociais.

Conforme evidenciado na nuvem de palavras, as pesquisas na Ciência da Informação sobre a temática de mulher e gênero abrangem uma diversidade de assuntos que ultrapassam as questões centrais desse campo. A significativa presença de termos como "mulheres negras" e "feminicídio" destaca um interesse em abordar a interseccionalidade e as diversas camadas de opressão enfrentadas por essas mulheres.

Além disso, a recorrência de temas como "políticas públicas" e "mediação" ressalta a importância das estruturas sociais e informacionais no enfrentamento das desigualdades de gênero. Isso evidencia o papel fundamental que a CI desempenha na construção de um entendimento mais profundo e abrangente das dinâmicas de poder, representação e interseccionalidade nas pesquisas sobre mulher e gênero.

Com base na análise dos dados apresentados, é possível identificar avanços significativos e desafios ainda persistentes no que se refere aos estudos sobre mulher e gênero nos PPGCIs no Brasil. Com essas observações, torna-se pertinente refletir sobre as implicações dessas descobertas para o campo da Ciência da Informação, bem como apontar as possíveis contribuições e limitações desta pesquisa. As considerações finais, a seguir, irão abordar esses aspectos e discutir se os objetivos propostos ao longo deste trabalho foram alcançados, destacando as oportunidades para o desenvolvimento de novas abordagens e perspectivas futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi traçado o panorama dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação, com base nas teses e dissertações disponíveis no banco de dados da CAPES, por meio de uma análise bibliométrica.

O objetivo geral da pesquisa que consistia em analisar o panorama dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação, com base nas teses e dissertações disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, foi alcançado em virtude da metodologia empregada. A utilização da bibliometria permitiu uma análise detalhada e precisa dos dados. Por meio da construção de gráficos, tabelas e nuvem de palavras, foi possível visualizar claramente as tendências e padrões na produção acadêmica, atendendo ao propósito central da pesquisa de forma abrangente e eficaz.

Em relação ao primeiro objetivo específico, o mapeamento das teses e dissertações sobre a temática de mulher e gênero da área de Ciência da Informação que constam no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foi realizado com êxito. Esse mapeamento permitiu identificar as universidades que oferecem pós-graduação em CI, destacando a distribuição dos cursos de mestrado e doutorado. O levantamento também revelou quais são as instituições mais ativas e engajadas na promoção e desenvolvimento de estudos sobre mulher e gênero, evidenciando sua contribuição significativa para essa área de pesquisa.

Além disso, a análise das palavras-chave nas teses e dissertações permitiu a identificação de uma ampla gama de assuntos explorados, desde questões centrais até tópicos específicos como interseccionalidade, violência de gênero e práticas informacionais. Essa diversidade reflete a riqueza e a profundidade que os pesquisadores da CI abordam as questões sobre mulher e gênero, demonstrando a relevância dessas discussões no contexto acadêmico.

O segundo objetivo, que visava avaliar a produção científica de teses e dissertações sobre as temáticas de mulher e gênero da área CI, foi alcançado. A pesquisa revelou que, embora a temática de mulher e gênero seja significativa e tenha uma presença constante nos PPGCIs, o número de trabalhos dedicados a essa questão ainda é limitado. No entanto, os resultados indicam um crescimento contínuo no interesse por esses estudos, sugerindo que essa área está gradualmente ganhando força na Ciência da Informação. Isso não apenas destaca a importância de

se continuar incentivando e expandindo essas pesquisas, mas também sublinha a necessidade de dar mais ênfase a esses temas para consolidar sua relevância no campo acadêmico.

Por fim, o terceiro objetivo, que consistia em traçar o panorama da produção científica de teses e dissertações sobre as temáticas de mulher e gênero da área de CI defendidas entre os anos de 2013 e 2023, foi plenamente alcançado. A análise temporal dos dados permitiu identificar tendências de crescimento na produção acadêmica ao longo da década, destacando períodos de maior atividade e interesse. Esse panorama oferece considerações relevantes sobre a evolução dos estudos de mulher e gênero na Ciência da Informação, evidenciando as mudanças e continuidades da temática ao longo do tempo, e proporcionando uma compreensão mais profunda do seu desenvolvimento no campo.

A análise bibliométrica realizada nesta pesquisa foi fundamental para alcançar todos os objetivos propostos, fornecendo uma visão detalhada e quantitativa dos estudos sobre mulher e gênero na pós-graduação em Ciência da Informação. A metodologia aplicada permitiu mapear com precisão as teses e dissertações, identificar os principais assuntos abordados, verificar a prevalência desses estudos e traçar um panorama cronológico que evidenciou o crescimento e as tendências ao longo dos últimos dez anos. A pesquisa conseguiu não apenas atender ao objetivo geral de analisar a produção acadêmica na área, mas também aprofundar o entendimento sobre as dinâmicas e padrões que marcam esses estudos no contexto dos PPGCIs.

Assim, a importância desta dissertação para a CI é substancial, especialmente pelo uso da bibliometria como metodologia central. A bibliometria, conhecida por sua capacidade de oferecer uma cobertura abrangente e detalhada dos dados de produções científicas, permitiu recuperar e analisar trabalhos que poderiam ter sido negligenciados em outras abordagens metodológicas. Segundo Figueiredo e Almeida (2017), a bibliometria possibilita uma visão mais ampla e detalhada da produção científica, capturando tendências e padrões que, de outra forma, poderiam passar despercebidos.

Com base nessa abordagem, a pesquisa proporcionou uma análise aprofundada e abrangente sobre as temáticas de mulher e gênero, revelando como esses estudos têm sido abordados ao longo do tempo na Ciência da Informação. Essa visão panorâmica é essencial para entender não apenas o estado atual das pesquisas

na área, mas também para identificar lacunas e oportunidades para futuras investigações, ampliando assim o campo de estudo e promovendo um desenvolvimento mais inclusivo e diversificado na CI.

Conforme apontado por outras pesquisas discutidas nesta dissertação, essa pesquisa também constatou que, embora os estudos sobre mulher e gênero estejam ganhando espaço na Ciência da Informação e apresentem um crescimento contínuo, ainda há uma necessidade de ampliar as pesquisas sobre essas temáticas dentro da área. Como já discutido, os estudos de mulher e gênero são de extrema importância para oferecer uma perspectiva crítica na compreensão das desigualdades e dinâmicas de poder presentes no âmbito acadêmico e na sociedade (Nascimento; Oliveira, 2019; Vasconcelos; Farias, 2020; Barbalho; Gomes, 2022).

A relevância desta pesquisa para a CAPES reside no fato de que o levantamento e a análise das teses e dissertações contribuem diretamente para o aprimoramento e acompanhamento da produção científica nacional. Ao fornecer um panorama detalhado dos estudos sobre mulher e gênero na Ciência da Informação, esta dissertação não apenas destaca o papel central da CAPES na promoção e disseminação do conhecimento, mas também oferece subsídios importantes para a formulação de políticas públicas que incentivem a diversidade temática e a inclusão social na pós-graduação. Além disso, a pesquisa fortalece a importância do sistema de pós-graduação brasileiro em fomentar discussões que promovam o desenvolvimento acadêmico e social, alinhadas aos objetivos estratégicos da CAPES em ampliar a pesquisa científica de relevância social.

Portanto, embora esse estudo tenha contribuído significativamente para o entendimento dos estudos sobre mulher e gênero na CI, é evidente que o campo ainda apresenta lacunas que precisam ser preenchidas. Assim, estudos futuros podem explorar áreas não abordadas nesta pesquisa, utilizando diferentes metodologias e bases de dados. Sugere-se a realização de investigações que utilizem outras fontes de dados, como publicações em revistas especializadas, para fornecer uma visão mais abrangente da área. Além disso, é relevante expandir o escopo geográfico para incluir instituições internacionais, permitindo uma análise comparativa que possa enriquecer o entendimento global sobre a temática de mulher e gênero na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- AGUINIS, Herman; JI, Young Hun; JOO, Harry. Gender productivity gap among star performers in stem and other scientific fields. **Journal of Applied Psychology**, v. 103, n. 12, p. 1283-1306, 2018.
- ALMEIDA, Jane Soares de. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e sociedade. **Série de estudos**, Campo Grande, n. 31, p. 165-181, 2011. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/132/25>. Acesso em: 21 maio. 2023.
- ALMEIDA, Maria do Rosário Guimarães. **Literatura cinzenta: teoria e prática**. São Luís: Edições UFMA/Sousândrade, 2000.
- ALMEIDA, Tania Mara Campos de; ZANELLA, Valeska. **Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latino-americanas**. Brasília: OAB editora, 2022. 509 p.
- ALVES, Daniella Alves; COSTA, Fernanda Silva; SILVA, Laelson Felipe da Silva; CORTES, Gisele Rocha Cortes; ALVES, Edvaldo Carvalho. Estudo de caso da disciplina gênero em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba. **ConCi: Convergência em Ciência da Informação**, São Cristovão/SE, v. 1, n. 2, p. 218-225, maio/ago. 2018.
- ALVES, Letícia. Informação e os sistemas de comunicação científica na Ciência da Informação. **DataGramZero: Revista de Informação**, v. 12, n. 3, jun. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45669>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- ANDERSEN, Heine. The norm of universalism in sciences: social origin and gender of researchers in Denmark. **Scientometrics**, v. 50, n. 2, p. 255-272, 2001.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. Ciência e método: elementos para reflexão nas pesquisas em Ciência da Informação. *In*: AQUINO, Mirian de Albuquerque; OLIVEIRA, Henry Poncio de Oliveira; LIMA, Izabel França de. **Experiências metodológicas em Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 21-27, 2003.
- ARAÚJO, Ronaldo Ferreira; ALVARENGA, Lídia. Bibliometria na pesquisa científica da pós-graduação brasileira de 1987 a 2007. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 51-70, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p51/17757>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- ASSUMPÇÃO Andreia dos Santos Barreto Monsoreos de. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. *In*: LÁZARO, André; MONTECHIARE, Renata. **Presença das mulheres na educação superior: conquistas e desigualdade persistente**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

Disponível em: https://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; GOMES, Yasmin Martins. Discentes na ciência: a produção científica das mulheres na pós-graduação da UFAM. **Informação & Informação**, Londrina, v. 27, n. 3, p. 158-178, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/47261/48802>. Acesso em: 04 jul. 2023.

BARROS, Aidil Jesus; LEHFELD, Neide Aparecida Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2008.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QYy5XZ85FTLFLZvcr7znhbpL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BAUER, Carlos. **Breve História da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã. 2001.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORGES, Elinielle Pinto. **Gênero, ciência e contexto regional: analisando diferenças entre docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/840>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Título original: La domination masculine.

BOURDIEU, Pierre. **L'homme pluriel**. Paris: Nathan. 1998.

BRASIL. Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior – CAPES. Ministério da Educação. **[2021 a 2024] Catálogo de Teses e Dissertações da Capes: Dados das Teses e Dissertações da Pós-Graduação**. 2023. Disponível em: <https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/271/overview>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior - CAPES. Ministério da Educação. **Sobre avaliação**. 2014. Disponível em: <http://capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao>. Acesso em: 02 ago. 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2159676X.2019.162>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BROFMAN, Paulo Roberto. A importância das publicações científicas. **Cogitare Enferm**, v. 17, n. 3, p. 419-421, 2012.

BRUMATTI, Josimara Dias. A contribuição da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações na disseminação do conhecimento nas áreas de Humanas e Sociais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 66-77, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/309/399>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna do. A questão de gênero na literatura em ciência da informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/33285/23782>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BUFREM, Leilah Santiago; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1086/1190>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BUFREM, Leilah Santiago; SILVA, Helena de Fátima Nunes; FABIAN, Cecélia Lícia Silveira e Medina; SORRIBAS, Tindra Viana. Produção científica em Ciência da Informação: análise temática em artigos de revistas brasileiras. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *et al.* Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/115937>. Acesso em: 19 fev. 2024.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2008, Minas Gerais. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2008, Minas Gerais. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360/17954>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Interthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p20>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
 CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
 CHASSOT, Attico. **A Ciência é masculina?**: É sim, senhora! 2. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

CHAUDARY, Imran Anjum. Structures of Theses and Dissertations: A Quick Sketch. *Social Science Research Network*, v. 2, 2014. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2386941. Acesso em: 08 ago. 2024.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. *In*: STREY, Marlene; CABEDA, Sonia Lisboa; PREHN, Denise. **Gênero e Cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004.

CONCEIÇÃO, Josefa Martins da.; TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. A produção científica sobre mulheres na ciência brasileira. **Contexto & Educação**, v. 35, n. 112, p. 281-299, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8231>. Acesso em: 20 nov. 2023.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na idade média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. 296 p.

COSTA, Nadine da Silva. **O uso da produção científica de mulheres pelos programas de pós-graduação em Ciência da Informação brasileiro**: análise das bibliografias indicadas nos editais de seleção de mestrado. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho Oliveira de. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CUSTÓDIO, Pollyana Ágata Gomes da Rocha. **As bases teóricas expressas nas teses dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil**: uma análise cientométrica. 2018. 134 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

DE LUCA, Márcia Martins Mendes de.; GOMES, Carlos Adriano Santos; CORRÊA, Denise Maria Moreira Chagas; DOMINGOS, Sylvia Rejane Magalhães. Participação feminina na produção científica em contabilidade publicada nos anais dos eventos Enanpad, Congresso USP de Controladoria e Contabilidade e Congresso Anpcont. **RCO**, Ribeirão Preto, SP, v. 5, n. 11, p. 146-164, jan/abr. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rco/article/view/34790/37528>. Acesso em: 30 ago. 2023.

DIAS, Karla Cristina Oliveira; LIMA, Francisca Rosimere Alves de. Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em Ciência da Informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17428>. Acesso em: 22 out. 2023.

DINIZ, Debora; FOLTRAN, Paula. Gênero e Feminismo no Brasil: uma análise da revista estudos feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 264, set/dez. 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/khnwMPmZy3xqbjwF33txWCt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio. 2023.

DORSA, Arlinda Canteiro. A produção científica: esforços docentes e discentes vividos e sentidos. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 697-698, out./dez. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/inter/a/JJBzrtqMkG8TpPgjpYRbmDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DROESCHER, Fernanda Dias; SILVA, Edna Lúcia da. O acesso aberto e o uso da informação científica. **Investigación bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**. México, v. 29, n. 65, p. 161-194, 2015. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0187358X16000204>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004. 2120 p.

FERREIRA, João Batista. Diversidade e gênero no contexto organizacional: um estudo bibliométrico. **RPCA**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, jul/set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11225>. Acesso em: 01 ago. 2023.

FERREIRA, Laizlla Cristie da Silva; CORTES, Gisele Rocha. Enfrentando a violência contra as mulheres por meio da informação: o olhar dos/as estudantes de biblioteconomia. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/11722>. Acesso em: 29 ago. 2023.

FIGUEIREDO, Frederico de Carvalho; ALMEIDA, Fernanda Gomes. Ontologias à ciência da informação: um estudo bibliométrico no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 46, n. 1, p.23-33, jan./abr. 2017. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4011/3711>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FREITAS, Juliana Lazzarotto; BUFREM, Leilah Santiago; OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. A pesquisa sobre o fazer pesquisa: uma análise de citação da literatura periódica em Ciência da Informação. **Novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 38-49, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115401>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira. **Rede colaborativa entre autores em odontologia**: docentes dos programas de pós-graduação credenciados em universidades participantes do sistema de informação especializado na área de odontologia (SIEO). 2010. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.

FUNARO, Vania. NORONHA, Daisy Pires. Literatura cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. *In*: POBLACIÓN, Dinah *et al.* (Org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 217-234.

GARCÍA, Marta González; PÉREZ SEDEÑO, Eulalia. Ciencia, Tecnología y Género. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, Argentina, n. 2, p. 1-19, 2002.

GARVEY, William; GRIFFITH, Belver. Communication and information process within scientific disciplines, empirical findings for psychology. *In*: GARVEY, William. **Communication**: the essence of science; facilitating information among librarians, scientists, engineers and students. Oxford: Pergamon, 1979. p. 127-147.

GIBBON, Camila de Azevedo; NEUBERT, Patrícia da Silva; DIAS, Thiago. As publicações que analisam a produção científica sobre Ciência Aberta na América Latina: um levantamento bibliográfico. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, v. 47, n. 3, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Wellington da Silva; AUTRAN, Marynice de Medeiros Matos. Ciência da informação e bibliometria: análise da produção científica sobre ica-atom e archivematica na base de dados – BRAPCI. **RACIn**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 30-43, jan./jun. 2018.

GRUPTA, Dinesh; SHARMA, Veerbala. Citation analysis of grey literature reflected in social science ETDs submitted in two state universities of Haryana, India. **Collection and Curation**, 2020. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/CC-03-2020-0004/full/html>. Acesso em: 06 ago. 2024.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 117-132, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tPvR4dWz5GzGCgn4c6GCZHp/?lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2023.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; CABRERO, Rodrigo de Castro; COSTA, Maria da Piedade Resende da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao.

Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **Revista Transformação**, Campinas, v. 19, n. 2, 2007. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=258>. Acesso em: 28 ago. 2023.

IBICT. **Base de dados em Ciência e Tecnologia**. Sobre Repositórios Digitais. Brasília, 2012. Disponível em: <http://sitehistorico.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20/repositorios-digitais>. Acesso em: 28 jul. 2023.

KLOOT, Bruce. Exploring the value of Bourdieu's framework in the context of institutional change. **Studies in Higher Education**, v. 34, n. 4, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03075070902772034>. Acesso em: 12 jun. 2023.

KRAUSE, Cristina da Silva Cavalcante; KRAUSE, Maico. A educação das mulheres no período colonial brasileiro até o início do Século XX: do imbecilitus sexus à feminização do magistério. *In*: SIMPÓSIO LINGUAGENS E IDENTIDADES DA/NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL, 10., 2016, Acre. **Anais [...]**. Acre: Universidade Federal do Acre, 2016.

LE COADIC, Yves -François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica**: métodos e técnicas de pesquisa (monografias, dissertações, teses e livros). 3. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/F8MbrypGJsXjTzs6msYFp9m/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2023.

LIMA, Célia de Castro. **As concepções de ciência e cientista dos licenciados de um curso de ciências naturais**. 20 f. 2013. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade de Brasília, Planaltina - DF, 2013.

LIMA, Francisca Rosimere Alves de; DIAS, Karla Cristina Oliveira. Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em Ciência da Informação. Minas Gerais, **Múltiplos olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/69350>. Acesso em: 03 jul. 2023.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Claudia. As mulheres como sujeitos na ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde e transformação social**, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 96-107, 2016. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239/4651>. Acesso em: 31 maio. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo; ROMANCINI, Richard. Teses e dissertações: um estudo bibliométrico na área da comunicação. *In*: POBLACIÓN, Dinah *et al.* (Org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 137-162.

LOPES, Maria Margaret. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, n. 10, p. 345-368, 1998.

LUCIANO, Maria Cristina Félix. **Protagonismo social das mulheres na produção científica dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (1994- 2019)**. 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

LUCIANO, Maria Cristina Feliz; CORTES, Gisele Rocha; CARDONE, Rebeca Klywiann; CARDOSO, Vanessa Nunes; MARTINS, Gracy Kelli. Mediação consciente da informação no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: o uso dos termos "mulheres", "gênero" e "feminismo" nas pesquisas publicadas no período de 1994 a 2019. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/202603>. Acesso em: 03 jul. 2023.

MACIAS-CHAPULA, Cesar. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p.134-140, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/rz3RTKWZpCxVB865BQRvtmh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MARTINS, Ana Claudia Lopes; BARROSO, Milena Fernandes; LIMA, Raissa Ribeiro; RODRIGUES, Taysa Cavalcante. O (não) lugar das mulheres na universidade. **Serviço social em revista**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 340-360, 2022. MCMANUS, Concepta *et al.* Considerations for continued expansion of the Brazilian post-graduate system. **Sec. Higher Education**, v. 8, 2023. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/education/articles/10.3389/feduc.2023.987200/full>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.

MEDEIROS, Déborah; LUCAS, Elaine de Oliveira. Métricas digitais e o contexto científico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MENEZES, Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de. Mulher, poder e subjetividade. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 59-85, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000200004. Acesso em: 01 jun. 2023.

MENEZES, Maria Zaima Bonfim; SANTOS, Sarah Nubia Pernambuco; FREIRE, Vitoria Chérida Costa Freire. A feminilização do ensino superior e a busca pela equidade de gêneros no Brasil. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES BRASIL/PORTUGAL, 6., 2019, Bahia. **Anais [...]**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2019.

MORAES, Alice Ferry de; OLIVEIRA, Telma Maria de. Experiências relacionadas ao levantamento de teses e dissertações. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 73-81, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/1990>. Acesso em: 02 ago. 2024

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

MOURA, Ana Patrícia Silva. **A mediação da informação sobre mulher, gênero e feminismo nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26165/1/AnaPatr%c3%adciaSilvaMoura_Dissert.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Literatura científica, comunicação científica e ciência da informação. *In*: TOURAIN, Lídia Maria Batista Brandão. **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MUGNAINI, Rogério; CARVALHO, Telma de.; CAMPANATTI-OSTIZ, Heliane. Indicadores de produção científica: uma discussão conceitual. *In*: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p. 313-340. n. 2, p. 141-148, 1998. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/795/826>.

NARIN, Francis; HAMILTON, Kimberly. Bibliometric performance measures. **Scientometrics**, v. 36, n. 3, p. 293-310, 1996.

NASCIMENTO, Maria Ivonete Gomes do; OLIVEIRA, Eliane Braga de. Mulher e gênero na produção científica da Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2019, Santa Catarina. **Anais** [...]. Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/123339>. Acesso em: 10 ago. 2023.

NOGUEIRA, Claudia Mazei. **O Trabalho duplicado: A divisão sexual no trabalho e na produção: um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. São Paulo: Expressão popular, 2006. 240 p.

NORONHA, Dasy Pires; KYOTANI, Normanda Miranda. Produção científica de docentes da área de Comunicação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p.139-157, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93052>. Acesso em: 20 nov. 2023.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de; BUFREM, Leilah Santiago. Visibilidade da mulher como fonte de informação: mapeamento das produções científicas apresentadas no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência Da Informação (2009 – 2018). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2019, Santa Catarina. **Anais** [...]. Florianópolis, 2019.

PARÁISO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

PASSOS, Mariana Faustino dos. **Estudos de gênero na Ciência da Informação: análises dos anais do ENANCIB**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204536>. Acesso em: 31 maio 2023.

PAVÃO, Caterina Groposo. **Contribuição dos Repositórios Institucionais à comunicação científica: um estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/20932>. Acesso em: 11 ago 2023.

PAVLOVSKA, Elena. “Grey Literature” in Electronic Archives. *In: DIGITAL PRESENTATION AND PRESERVATION OF CULTURAL AND SCIENTIFIC HERITAGE. CONFERENCE PROCEEDINGS*, 8., 2018, Sofia. **Anais [...]**. Búlgaria: Institute of Mathematics and Informatics, 2018. Disponível em: <https://dipp.math.bas.bg/dipp/article/view/dipp.2018.8.8/pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

PÉREZ SEDEÑO, Eulalia. La enseñanza de La historia de las ciencias y los estudios sobre la mujer. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Campinas, n.7, p. 25-30, 1992.
PÉREZ SEDEÑO, Eulalia. Las mujeres en la historia de la ciencia. **Revista QUARK**, Barcelona, n. 27, 2003. Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/9700>. Acesso em: 17 maio. 2023.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005. 520 p.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, Paraná, v. 18, n. 36, p. 15-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNCsBf5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 481 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In: SILVA, Zélia Lopes da (org.)*. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RAMALHO, Francisca Arruda; PAIVA, Eliane Bezerra; PINHEIRO, Edna Gomes. **Usuário da informação: análise da produção científica em periódicos brasileiros**.

Revista Conhecimento em Ação, v. 4, n. 1, p. 178-201, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118951>. Acesso em: 28 ago. 2023.

REY, Luís. **Como redigir trabalhos científicos**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1978. 128 p.

ROSA, Amanda Nascimento do. **A produção científica sobre gênero nos programas de pós-graduação da UFPE: uma revisão a partir do repositório institucional de teses e dissertações**. 2018. Dissertação (Pós-Graduação em Educação Contemporânea) - Universidade de Federal de Pernambuco, Caruaru, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. *In*: OLIVEIRA, Albertina de; BRUSCINI, Cristina. (org.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-21.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. COLLADO, Carlos Fernandez. LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de la investigación**. 3. ed. McGraw Hill/Interamericana Editores, 2006. Disponível em: https://www.uv.mx/personal/cbustamante/files/2011/06/Metodologia-de-la-Investigaci%C3%83%C2%B3n_Sampieri.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; TARGINO, Maria das Graças; FREIRE, Isa Maria. A temática diversidade sexual na ciência da informação: a perspectiva da responsabilidade social. **REBECIN: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 114-135, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30216>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SARACEVIC, Tefko. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 2000. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%281999%2950%3A12%3C1051%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Z>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SARDENBERG, Cecilia; MACEDO, Márcia. Relações de gênero: uma breve introdução ao tema. *In*: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo. **Ensino e gênero perspectivas transversais organização**. Salvador: UFBA, 2011.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 173-185, 2008.

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, supl. p. 269-281, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjyr/?lang=pt>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. São Paulo: EDUSC, 2001. 384 p.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para ciência**: a formação da comunidade científica brasileira. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001. 276 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SHEN, Yiqin Alicia; WEBSTER, Jason; SHODA, Yuichi; FINE, Ione. Persistent underrepresentation of women's science in high profile journals. **BioRxiv**, 2018.

SICILIANO, Mell; SOUZA, Cleiton da Mota de; METH, Clara de Mello e Souza. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?. **Informação e Informação**, v. 22, n. 2, p. 144-165, 2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33868>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SILVA, Ester Ferreira da; ZAPATA, Cristian Berrío; OLIVEIRA, Hamilton Vieira de. Análise da produção científica sobre gênero na ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2019, Santa Catarina. **Anais [...]**. Florianópolis, 2019.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência**: Vozes, tempos, lugares e trajetórias. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: química da vida e saúde) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS. 2012.

SILVA, Fernanda Marinho da; SOUZA, Marcus Antonio Medeiros de; MOURA, Marcia Kércya Nunes; BARROS, Tatiane Virgínia da Silva. Gênero e poder: uma relação histórica. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., 2019, Maranhão. **Anais [...]**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2019.

SILVA, Francisco Sávio da. **Produção científica sobre as temáticas afro-brasileira e indígena nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 203-212. 2014.

SIQUEIRA, Manoel Brod. Sucupira - A Platform for the Evaluation of Graduate Education in Brazil. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CURRENT RESEARCH INFORMATION SYSTEMS, 14., 2019, Alemanha. **Anais [...]**. Hamburgo, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877050919300869>. Acesso em: 2 maio. 2024.

SOARES, Patrícia Bourguignon; CARNEIRO, Teresa Cristina Janes; CALMON, João Luiz; CASTRO, Luiz Otávio da Cruz de Oliveira. Análise bibliométrica da produção

científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 175-185, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ac/a/7CmZ3n8FT8R5g93DkW5kzMJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SOUZA, Luana Quintal de. **As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cientiométricos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 27, n. 2, 1998. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/795>. Acesso em: 02 ago. 2024.

TAGUE-SUTCLIFFE, Jean. An introduction to informetrics. **Information Processing e Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/030645739290087G>. Acesso em: 18 jul. 2024.

TOBIAS, Mirela Souza; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. O paradigma social da Ciência da Informação: o fenômeno da pós-verdade e as fakes news nas mídias sociais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 24, n. 3, p. 560-579, jul./out., 2019. Disponível em: <https://www.revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1529>. Acesso em: 28 ago. 2023.

TORINO, Ligia Patricia. **Organização da produção científica em Repositórios Institucionais: parâmetro para UTFPR**. 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/77>. Acesso em: 29 ago. 2023.

UN WOMEN. **He for She** [Home page], 2014. Disponível em: <https://www.heforshe.org/en>. Acesso em 05 set. 2024.

VALENTOVA, Jaroslava; OTTA, Emma; SILVA, Maria Luisa; MCELLIGOTT, Alan. Underrepresentation of women in the senior levels of Brazilian Science. **PeerJ**, v. 5, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5741063/>. 10 ago. 2024.

VASCONCELLOS, Bruna Mendes de.; LIMA, Márcia Maria Tait. Fanny Tabak e os primeiros passos dos estudos sobre ciência, tecnologia e gênero no Brasil. **Redes**, v. 22, n. 43, p. 13-32, 2016. Disponível em: <http://www.unq.edu.ar/advf/documentos/58e4ec1c6b673.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento; FARIAS, Gabriela Belmont de. Autoria Feminina em Ciência e Tecnologia: cenário sobre a produção científica na Ciência da Informação. **Convergências em Ciência da Informação**, Sergipe, v. 3, n. 2, p. 6-21, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/142266>. Acesso em: 03 jul. 2023.

VIANA, Anna Raquel de Lemos. **Espaços de memória e identidade feminista no instagram**: análise a partir de coletivos feministas. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20795?locale=pt_BR. Acesso em: 15 set. 2023.

WEITZEL, Simone da Rocha. O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 51–71, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/19>. Acesso em: 10 maio. 2023.

WOLLAST, Robin. Who Are the Doctoral Students Who Drop Out? Factors Associated with the Rate of Doctoral Degree Completion in Universities. **International Journal of Higher Education**, v. 7, n. 4, p. 143-156, 2018.

ZAMMATARO, Ana Flávia Dias; CUNHA, Sandra Sanches da; SANTOS, Cristina Ribeiro dos; ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. Os paradigmas da ciência da informação e as contribuições do paradigma social à organização e representação do conhecimento. *In*: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 5., 2021, Paraná. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Federal de Londrina, 2021.

ZIMAN, John Michael. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 164 p.

ZOLIN, Míriam; ZAFALON, Lúcia Osana. A representação/(des) construção da submissão feminina em "A Tia", de Helena Parente Cunha. **Via Atlântica**, v. 1, n. 24, p. 183-196, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/56767>. Acesso: 03 jun. 2023.

APÊNDICE – LISTA DE TRABALHOS FILTRADOS NA PESQUISA

Título do Trabalho	Autor do Trabalho	Ano de Publicação	Nome da Instituição de Ensino Superior	Mestrado ou Doutorado	Orientador
PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE ESTUDOS DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+	Abraao Muniz Pinto Junior	2023	Universidade Federal do Pará	Mestrado	Joao Arlindo Dos Santos Neto
LEITURA APROPRIAÇÃO DE SABERES E TRANSFORMAÇÃO PESSOAL: RELAÇÕES SUBJETIVAS E INTERSUBJETIVAS A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE MULHERES PERTENCENTES A CLUBES DE LEITURA	Amanda Christina Salomao Mangueira	2020	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Gustavo Silva Saldanha
A FUNÇÃO SOCIAL DA REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA SOBRE MULHERES E FEMINISMOS NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	Amanda Mendes da Silva	2023	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Mestrado	Walter Moreira
A PRESENÇA DO FEMININO NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA: ASPECTOS HISTÓRICOS	Ana Laura Silva Xavier	2020	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Mestrado	Deise Maria Antonio Sabbag
MESTRA JOANA CAVALCANTE E O MARACATU BAQUE MULHER: PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO FEMININO NA RECONSTRUÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA	Ana Lucia Tavares de Oliveira	2023	Universidade Federal de Pernambuco	Doutorado	Leilah Santiago Bufrem
A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOBRE MULHER GÊNERO E FEMINISMO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO BRASIL	Ana Patricia Silva Moura	2022	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Gisele Rocha Cortes
COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS E A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: PRÁTICAS DE ENSINO CRÍTICAS	Andrea Doyle Louzada de Mattos Dodebei Aymonin	2021	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Doutorado	Gilda Olinto De Oliveira
GÊNERO E INCLUSÃO DIGITAL: USO E APROPRIAÇÃO DAS TICS PELOS USUÁRIOS DO PROGRAMA FEDERAL GESAC	Ariane Durce Maciel	2015	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Doutorado	Gilda Olinto De Oliveira

PROTAGONISMO DAS MULHERES USUÁRIAS DA CASA ABRIGO DA PARAÍBA	Aurekelly Rodrigues da Silva	2020	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Gisele Rocha Cortes
ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES: A PERCEPÇÃO DE REPRESENTANTES FEMININAS SOBRE A PRESENÇA DE BARREIRAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO NO PARLAMENTO	Beatriz de Oliveira Benedito	2022	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Mestrado	Luana Maia Woida
ANÁLISE DOS ESTUDOS RETÓRICOS DE GÊNERO COMO ABORDAGEM PARA A ANÁLISE DE DOMÍNIO	Bianca Ferreira Hernandez	2020	Universidade Federal de Santa Catarina	Mestrado	Marisa Brascher Basilio Medeiros
A ESCRITA DE SI DE MULHERES NEGRAS: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA AO RACISMO	Bianca Maria Santana de Brito	2020	Universidade de São Paulo	Doutorado	Marco Antonio De Almeida
INDEXAÇÃO HÍBRIDA PARTICIPATIVA: MODELO DE INDEXAÇÃO SOCIAL PARA NARRATIVAS FICCIONAIS EM REPOSITÓRIOS DE FANFICTIONS	Bruna Daniele de Oliveira Silva	2021	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Mestrado	Deise Maria Antonio Sabbag
O FEMINISMO E A DISPUTA DE NARRATIVAS NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018: UM ESTUDO DE CASO DE #ELENÃO COMO MOBILIZAÇÃO ONLINE DAS MULHERES CONTRA BOLSONARO	Camyla Terra Pinto	2019	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Rose Marie Santini De Oliveira
A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A INCLUSÃO DAS MULHERES NA BRIGADA MILITAR: QUESTÕES DE GÊNERO E MEMÓRIA DOCUMENTAL REPRESENTADAS A PARTIR DE UMA TAXONOMIA	Carine Melo Cogo Bastos	2021	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Mestrado	Thiago Henrique Bragato Barro
INFORMAÇÃO TRANSPARÊNCIA E POLÍTICA: REFLEXÕES SOBRE A MULHER BRASILEIRA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS	Carla Maria Martellote Viola	2018	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Marco Andre Feldman Schneider
UM PANORAMA DA PRODUÇÃO FEMININA DE QUADRINHOS PUBLICADOS NA INTERNET NO BRASIL	Carolina Ito Messias	2018	Universidade de São Paulo	Mestrado	Giulia Crippa
MULHERES NA CIENCIA REGIONAL: ANÁLISE DA PRESENÇA NA PRODUÇÃO CIENTIFICA DAS DOCENTES E PESQUISADORAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA- UFPA	Caroline Correa Pinheiro	2022	Universidade Federal do Pará	Mestrado	Danielly Oliveira Inomata
POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO DE GÊNERO E PROTAGONISMO DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	Claudialyne da Silva Araujo	2019	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Gisele Rocha Cortes
NECESSIDADES INFORMACIONAIS DAS MULHERES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ITAMATATIUA - MARANHÃO	Cleyciane Cassia Moreira Pereira	2018	Universidade Federal da Bahia	Doutorado	Maria Isabel De Jesus Sousa Barreira
PRÁTICAS INFORMACIONAIS E A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO: UM ESTUDO	Daniella Alves de Melo	2019	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Edvaldo Carvalho Alves

NA BAMIDELE – ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA					
HERDEIRAS DE ADA LOVELACE: INICIATIVAS PARA FOMENTAR A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA COMPUTAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO	Deborah Abreu de Araujo	2018	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Gilda Olinto De Oliveira
A MEMÓRIA A INFORMAÇÃO E O SILÊNCIO DA LESBIANIDADE NO SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1970 A 1980	Denise Braga Sampaio	2021	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Izabel Franca De Lima
A CONTRIBUIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS ACERCA DA VIOLÊNCIA PRATICADA CONTRA MULHERES EM RAZÃO DE GÊNERO EM BOLETINS DE OCORRÊNCIA: UM ESTUDO ACERCA DE CRIMES DE FEMINICÍDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL	Denise Cristina Belam Fioravanti	2023	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Doutorado	Deise Maria Antonio Sabbag
PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DE MULHERES RURAIS SOB A PERSPECTIVA DO EMPODERAMENTO	Eliane Pellegrini	2022	Universidade Federal de Santa Catarina	Doutorado	Elizete Vieira Vitorino
GÊNERO CIÊNCIA E CONTEXTO REGIONAL: ANALISANDO DIFERENÇAS ENTRE OS DOCENTES DA PÓS-GRADUAÇÃO DE DUAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS	Elinielle Pinto Borges	2014	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Gilda Olinto De Oliveira
A EXCLUSÃO DE GÊNERO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	Ester Ferreira da Silva	2020	Universidade Federal do Pará	Mestrado	Hamilton Vieira De Oliveira
ESTEREÓTIPOS E SEGREGAÇÃO DE GÊNERO NA OPÇÃO POR C&T: PESQUISA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO PEDRO II	Gabriel Jose Teixeira da Silva	2021	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Gilda Olinto De Oliveira
O RETRATO DA MULHER PRETA EM ESTUDOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL	Gabriele Rodrigues Pereira	2021	Universidade Federal de São Carlos	Mestrado	Zaira Regina Zafalon
ENTRE LINHAS AGULHAS E ALMOFADAS: OS PROCESSOS MEMORIAIS DAS MULHERES RENDEIRAS	Geysa Flavia Camara de Lima Nascimento	2019	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Carlos Xavier De Azevedo Netto

DE CAMALAU - PB À PARTIR DAS TÉCNICAS DA RENDA RENASCENÇA					
ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMOS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS	Gislaine Imaculada de Matos	2018	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Mestrado	Ely Francina Tannuri De Oliveira
AS QUESTÕES DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DA ABORDAGEM TEMÁTICA À REFLEXÃO EPISTÊMICA	Iraci Oliveira Rodrigues	2023	Universidade de São Paulo	Doutorado	Marivalde Moacir Francelin
UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA: UMA METODOLOGIA EM FAVOR DO PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES PAUTADA NAS DIMENSÕES DA MEDIAÇÃO CONSCIENTE DA INFORMAÇÃO	Joelma da Silva Oliveira	2023	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Gisele Rocha Cortes
MULHERES EMPREENDEDORAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 NO MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS MG	June Marize Castro Silva	2022	Universidade Federal de Santa Catarina	Doutorado	Cezar Karpinski
A LEI MARIA DA PENHA E O REGIME DE INFORMAÇÃO DAS DELEGACIAS ESPECIALIZADAS DE ATENDIMENTO ÀS MULHERES NA PARAÍBA	Kaliandra de Oliveira Andrade	2022	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Joana Coeli Ribeiro Garcia
O ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO COMO DISPOSITIVO DE EMPODERAMENTO DAS USUÁRIAS DO CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER EDNALVA BEZERRA (CRMEB)	Kaliandra de Oliveira Andrade	2016	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Izabel Franca De Lima
MARIA [BEATRIZ] BARBOSA DE SOUZA: NA GIRA DA VIDA DE MÃE BEATA	Karina Ceci de Sousa Holmes	2023	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Bernardina Maria Juvenal Freire De Oliveira
MEDIAÇÃO INFORMACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS E REDES NA ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER: A CASA DE PARTO DAVID CAPISTRANO FILHO	Karina Gomes Lopes	2022	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Regina Maria Marteleto
AS MULHERES NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: ACESSO USO E APROPRIAÇÃO DA LEITURA	Larissa Akabochi de Carvalho	2014	Universidade de São Paulo	Mestrado	Giulia Crippa
MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: MULHERES TRABALHO E INFORMAÇÃO	Leididaina Araujo e Silva	2014	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Gilda Olinto De Oliveira
FEMINISMO NEGRO E EPISTEMOLOGIA SOCIAL: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PESQUISADORAS NEGRAS EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Leyde Klebia Rodrigues da Silva	2020	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Doutorado	Gustavo Silva Saldanha
DOMINAÇÃO MASCULINA E PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO NO CONTEXTO MATERNO: ESTUDO DE CASO DA ESCOLA DE NEGÓCIOS DA MÃE EMPREENDEDORA	Lilian Viana Teixeira Cananea	2023	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Edvaldo Carvalho Alves

ARQUIVOS PESSOAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO	Maitha Elena Tosta Graciano	2023	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Doutorado	Maria Leandra Bizello
PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE TRAVESTIS DA GRANDE VITÓRIA (ES)	Marcela da Silva Nascimento	2021	Universidade Federal do Espírito Santo	Mestrado	Marta Leandro Da Mata
PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (1994- 2019)	Maria Cristiana Felix Luciano	2021	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Gisele Rocha Cortes
IDENTIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE QUALIDADE DE VIDA POR MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	Maria da Conceição Davi	2019	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Joana Coeli Ribeiro Garcia
ESTUDOS DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ANÁLISES DOS ANAIS DO ENANCIB	Mariana Faustino dos Passos	2019	Universidade Federal de Santa Catarina	Mestrado	Ursula Blattmann
UNIDADES DE INFORMAÇÃO SOBRE MULHERES: REFLEXÕES SOBRE SUA CONSTITUIÇÃO E DESAFIOS PARA SUA CONSOLIDAÇÃO	Mariana Xavier	2018	Universidade de São Paulo	Mestrado	Nair Yumiko Kobashi
SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE MULHERES: PARÂMETROS PARA SUA CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO A PARTIR DA REALIDADE DO MOVIMENTO DE MULHERES	Mariana Xavier	2023	Universidade de São Paulo	Doutorado	Nair Yumiko Kobashi
A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO ARTEFATO DE EMPODERAMENTO E RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	Marília Albernaz Pinheiro de Carvalho	2020	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Gisele Rocha Cortes
GÊNERO DOMINAÇÃO MASCULINA E INFORMAÇÃO: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EVIDENCIADA ATRAVÉS DAS INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS	Mayara Paula Atanasio Soares da Silva	2023	Universidade Federal de Pernambuco	Mestrado	Nadi Helena Presser
DIFERENÇAS DE GÊNERO NA APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DO AMBIENTE DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO PEDRO II	Nadia Bernuci dos Santos	2019	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Doutorado	Gilda Olinto De Oliveira
O USO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE MULHERES PELOS PROGRAMAS DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIROS: ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS INDICADAS NOS EDITAIS DE SELEÇÃO DE MESTRADO	Nadine da Silva Costa	2022	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Marynice De Medeiros Matos Autran
O COMPORTAMENTO EM INFORMAÇÃO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA - ANÁLISE DAS BARREIRAS SOCIAIS DE ACESSO À INFORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DE CHATMAN	Natalia Francisca Nascimento da Silva	2022	Universidade Federal de Pernambuco	Mestrado	Nadi Helena Presser

VAMOS FAZER UM ESCÂNDALO: A TRAJETÓRIA DA DESNATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A FOLKSONOMIA COMO ATIVISMO EM OPOSIÇÃO A VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL	Nathalia Lima Romeiro	2019	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Mestrado	Arthur Coelho Bezerra
PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM PERFIL FEMINISTA DO INSTAGRAM: ENTRE LETRAMENTOS E DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO	Nicole Tirello Acquolini	2023	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Mestrado	Rodrigo Silva Caxias De Sousa
PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO PORTAL GELEDÉS: HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MULHERES NEGRAS	Patricia Saldanha	2021	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Mestrado	Rodrigo Silva Caxias De Sousa
FLUXO DA INFORMAÇÃO LEGISLATIVA NO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE LEI SOBRE O DIREITO DA MULHER POR PARLAMENTARES PARAENSES	Priscila de Nazare Castro Progene	2023	Universidade Federal do Pará	Mestrado	Danielly Oliveira Inomata
INFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES NEGRAS DA CASA DAS MULHERES DA MARÉ NO RIO DE JANEIRO	Priscila Rufino Fevrier	2021	Universidade Federal de Santa Catarina	Mestrado	Rodrigo De Sales
REGIME DE INFORMAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS LGBTI+ NO BRASIL	Raimundo Nonato Ribeiro dos Santos	2020	Universidade Federal da Paraíba	Doutorado	Isa Maria Freire
COMPARTILHAMENTO INDEVIDO DE INFORMAÇÕES EM REDES SOCIAIS DIGITAIS: EFETIVIDADE DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA VIGENTE NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	Shaennya Pereira Vanderley	2021	Universidade Federal da Paraíba	Mestrado	Alzira Karla Araujo Da Silva
PRESENÇA DE MULHERES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ANÁLISE DE CITAÇÕES POR GÊNERO EM TESES E DISSERTAÇÕES DO PPGCI/UFF	Sofia Frahlich Cavalleiro	2023	Universidade Federal Fluminense	Mestrado	Michely Jabala Mamede Vogel
MUSEUS DO FEMININO: EMERGÊNCIAS DÍGITO-VIRTUAIS DAS INTERSECÇÕES ENTRE O DESIGN DA INFORMAÇÃO E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Stephanie Cerqueira Silva	2021	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Mestrado	Maria Jose Vicentini Jorente
EDITORAS-CHEFES DE REVISTAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO BRASIL: REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE	Tatiely Mayara de Oliveira Neves	2022	Universidade Federal da Bahia	Mestrado	Hildenise Ferreira Novo
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS & TICS: O CASO DO BLOG "BLOGUEIRAS NEGRAS"	Thais Pereira da Silva	2019	Universidade de São Paulo	Mestrado	Marco Antonio De Almeida
PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE INFORMAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA NA CIDADE ESTRUTURAL (BRASÍLIA - DF)	Ada Suyin Sosa Solano	2015	Universidade de Brasília	Mestrado	Elmira Luzia Melo Soares Simeao

INFORMAÇÃO E TRANSGENERIDADE: O COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE MULHERES TRANSGÊNERAS E AS PERCEPÇÕES DA IDENTIDADE DE GÊNERO	Elton Martiries Pinto	2018	Universidade de Brasília	Mestrado	Fernando Cesar Lima Leite
DESVENDANDO O VÉU DA OPACIDADE: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS ARQUIVOS PÚBLICOS BRASILEIROS	Maria Ivonete Gomes do Nascimento	2020	Universidade de Brasília	Doutorado	Eliane Braga De Oliveira
A LUTA DAS MULHERES TEM MUITOS NOMES: OS SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO FRENTE A UMA EMERGÊNCIA CONCEITUAL	Rosana Matos da Silva Trivelato	2022	Universidade Federal de Minas Gerais	Doutorado	Maria Aparecida Moura
COLETIVO BLACK DIVAS: AÇÕES PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA E A MEMÓRIA DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS EM LONDRINA	Sandra Mara Aguilera	2021	Universidade Estadual de Londrina	Mestrado	Luciane De Fatima Beckman Cavalcante